

Correio das Artes

ANO
LXXV

Julho
R\$ 15,00

Nº
5



Exemplar encartado no jornal A União apenas para assinantes. Nas bancas e representantes.



Antônio Mariano

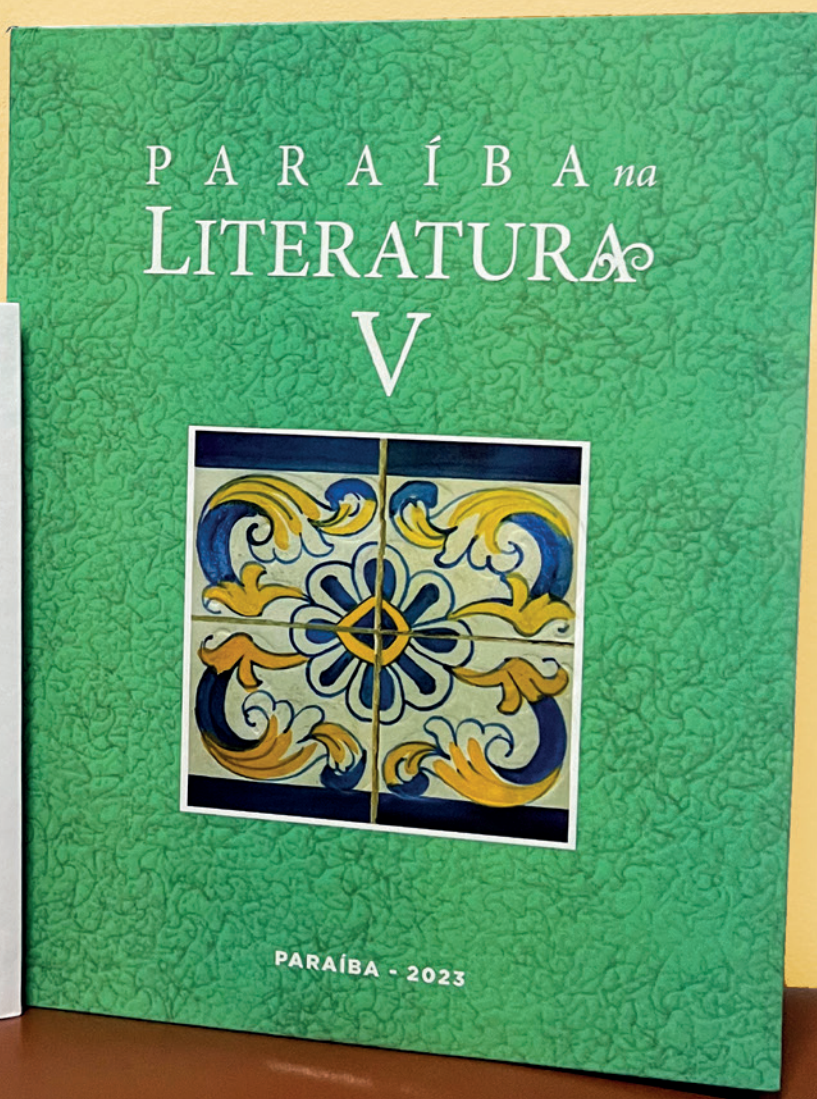
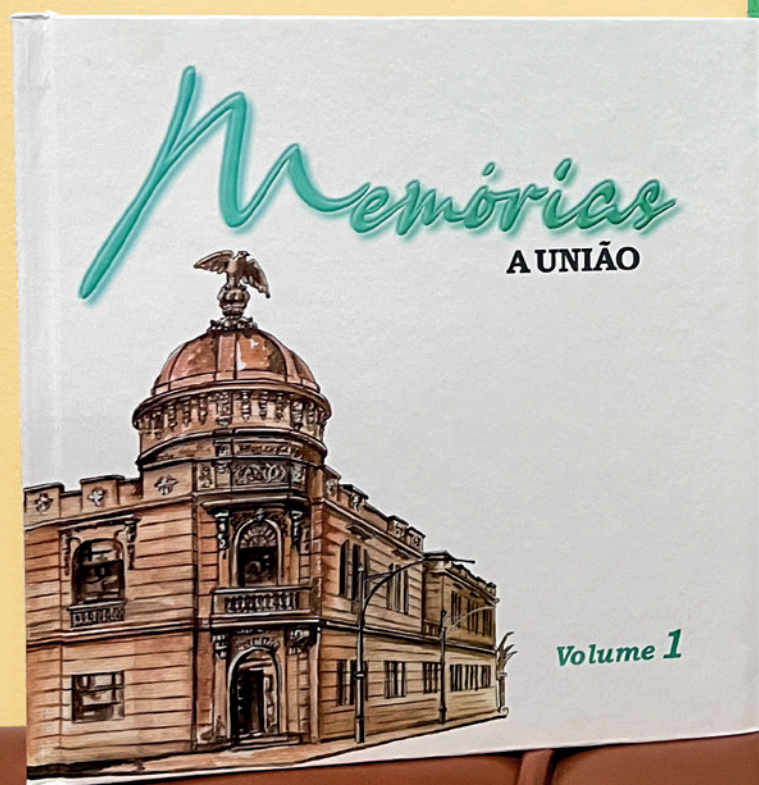
Suplemento
literário
do Jornal A União
2024

Voz singular na prosa e no verso, escritor e poeta paraibano comemora quatro décadas dedicadas ao universo literário

Editora A União

A memória e a história em livro, a cultura paraibana agora e sempre.

marketing EPC



**Lançamentos à venda
na Livraria A União,
Espaço Cultural
José Lins do Rego.**



Faces de um homem das letras

A sua poesia tem uma forte crítica social, além de ter um romantismo sem ser piegas. Essa é uma breve descrição que o jornalista (e também poeta) William Costa, diretor de Mídia Impressa da Empresa Paraibana de Comunicação (EPC), relatou quando foi batido o martelo que a capa desta edição seria sobre o paraibano Antônio Mariano, que completa 60 anos de vida no próximo mês, além de comemorar suas quatro décadas dedicadas de corpo e alma para o universo das letras.

Um mundo que não é povoado apenas pela sonoridade e reflexão dos versos, mas também povoado pelas histórias breves dos contos e das tramas mais longas, cujo primeiro vislumbre os leitores e leitores tiveram com a publicação de seu primeiro romance, *Entrevamento*.

Em mais uma matéria assinada pela jornalista Alexandra Tavares, poderemos observar as várias faces de um homem das letras, que passeia pela poe-

Um homem preto e periférico, que buscou com base na música e no cordel ser um poeta e escritor, “peitando” já em tenra idade Camões e Augusto dos Anjos, para depois amadurecer em busca do seu sonho.

sia, pelos contos e pelo romance, sem se esquecer de cada um desses processos. Um homem preto e periférico, que buscou com base na música e no cordel ser um poeta e escritor, “peitando” já em tenra idade Camões e Augusto dos Anjos, para depois amadurecer em busca do seu sonho.

“Sua ficção é marcada pelo travo cruel da vida humana, povoada por personagens em conflito, excluídos e dilacerados”, pontuou Hildeberto Barbosa Filho, um dos amigos e profissionais das letras que testemunharam sobre a obra de Mariano nestas páginas, bem como o próprio, em uma extensa entrevista. Em primeira mão, o autor nos apresenta dois poemas inéditos da sua oitava obra, *Havia pássaros em mim*, que será lançada no próximo mês.

Completam a edição uma seleção de contos, resenhas, artigos e poesias, além de um tributo à obra centenária *Cysnes*, do simbolista Silvino Olavo da Costa.

Índice

19 / mestre

No mês de nascimento de Antonio Cândido, Analice Pereira testemunha sobre a influência e ideias do sociólogo carioca foram amplamente difundidas e discutidas por professores na Paraíba

27 / literatura

Amador Ribeiro Neto analisa a obra “As cabeças trocadas”, novela escrita pelo Prêmio Nobel de Literatura, Thomas Mann, que mostra um peculiar triângulo amoroso

32 / tributo

Este ano é celebrado o centenário da publicação de “Cysnes”, primeira obra poética de Silvino Olavo da Costa, um dos principais nomes do simbolismo paraibano

35 / resenha

Romance “Jenipapo Western”, de Tito Leite, transcende o estereótipo para realizar uma imersão nas razões histórico-sociológicas que forjam a natureza e a mitologia de uma cidade

36 / artigo

Poeta da “Geração 59”, Clemente Rosas abre o baú das suas reminiscências para revisitar em diversos enfoques o autor do “Eu”, Augusto dos Anjos

38 / inovação

Com os avanços tecnológicos dos dias de hoje, quais os desafios que a inteligência artificial (IA) tem imposto para os autores, oficinas e concursos literários?



SECRETARIA DE ESTADO
DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL



Naná Garcez de Castro Dória
Diretora Presidente

William Costa
Diretor de Mídia Impressa

Amanda Mendes Lacerda
Diretora Administrativa,
Financeira e de Pessoas

Rui Leitão
Diretor de Rádio e TV

Correio
das Artes

Audaci Junior
Editor do Correio das Artes

Paulo Sergio
Diagramação

Bruno Chiossi
Arte da capa (com base em
foto de Carlos Rodrigo)

Tônio
Ilustrações

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de textos, figuras, fotos, ilustrações autorais deste suplemento, sem prévia e expressa autorização da direção do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

OUVIDORIA: (83) 99143-6762

PABX: (83) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

Correio das Artes. Uma publicação da EPC.

Av. Chesf, 451 - CEP 58052-010, Distrito Industrial, João Pessoa, Paraíba.

/ capa

Vida e obra de **Antônio Mariano**

FOTO: CARLOS RODRIGO

Uma voz singular na prosa e no verso

Neste ano, o escritor e poeta paraibano Antônio Mariano celebra 60 anos de vida, sendo quatro décadas destes dedicados à literatura

Alexsandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Poemas, contos e romances. Assim estão distribuídas as obras de Antônio Mariano de Lima, paraibano que, em agosto, comemora 60 anos de vida e 40 dedicados à literatura. Funcionário concursado do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), ele também se despede do funcionalismo público, atividade que precisou conciliar com a produção de livros e exerceu durante décadas para garantir seu sustento. Um ano de novos ciclos para esse poeta que, segundo escritores paraibanos, trabalha com desenvoltura e domínio técnico diferentes gêneros literários, tornando-se uma voz singular na prosa ou no verso.

“Em cada gênero, Antônio Mariano se revela atento às exigências estéticas da forma e ao tratamento crítico do conteúdo. Na poética, ele se expressa através de uma dicção lírica, que oscila entre a acidez da percepção e os sortilégios do lirismo existencial, erótico e amoroso. Como contista, o escritor se porta com apurado senso crítico diante dos dispositivos técnicos e substanciais característicos do gênero”, frisou o poeta e crítico literário, Hildeberto Barbosa Filho.

Ao longo da trajetória, Antônio Mariano escreveu sete livros, de poemas e contos, sendo um romance publicado. Porém, existe outro que foi iniciado há tempos, mas ainda aguarda o momento certo para a conclusão. No próximo dia 20 de agosto, as publicações serão relançadas em um evento que ocorrerá às 18h30, no Bistrô 17, no Centro da capital paraibana.

Na ocasião, também será lançada a obra inédita do escritor — *Havia pássaros em mim* (poemas), pela Selinho Editorial, empreendimento do próprio autor que, pela dificuldade encontrada em lançar seus títulos, criou a própria editora. “Ser editor de mim mesmo é uma experiência instigante e cansativa, como todo trabalho que exige algum esmero, mas, no final, é gratificante”, declarou Antônio Mariano.

Para Hildeberto Barbosa Filho, as publicações do paraibano trazem diferenciais, e um deles é o manuseio da palavra, sobretudo na consecução do verso. Outro destaque é a atenção concentrada sobre os motivos da vida cotidiana, principalmente “se pensarmos no andamento erótico das experiências vividas”.

As facetas de Mariano como literário também foram ressaltadas pelo



FOTO: ROBERTO GUEDES

Para Hildeberto, as publicações do paraibano trazem diferenciais, e um deles é o manuseio da palavra



FOTO: FÁBIO CARDOSO/DIVULGAÇÃO

Germano frisou que o autor aposta na distensão e contração do músculo narrativo no conto



Em cada gênero, Antônio Mariano se revela atento às exigências estéticas da forma e ao tratamento crítico do conteúdo.

Hildeberto Barbosa Filho



Creio que é aqui que, pelo menos na forma, ele traz um pouco da sua experiência como poeta para a prosa.

Tiago Germano

escritor, editor e jornalista Tiago Germano, que considera um verdadeiro ato de coragem produzir obras em prosa e também em verso. “É bastante corajoso, depois de se consolidar como poeta, fazer incursões pela prosa com uma proposta completamente diferente, que não necessariamente obedece seu projeto lírico e abraça um pouco mais a narrativa”.

Ao avaliar os contos assinados pelo poeta, Tiago Germano frisou que o autor aposta na distensão e contração do músculo narrativo e que sua prosa é como um coração que ora está em sístole, ora em diástole, oferecendo ao leitor tanto contos longos como microcontos. “Creio que é aqui que, pelo menos na forma, ele traz um pouco da sua experiência como poeta para a prosa. Só o essencial está narrado ali, e o microconto é um convite ao leitor para mergulhar no subtexto, como a poesia é um convite para voar fora da asa, já diria Manoel de Barros”, acrescentou Germano.

Uma das pessoas que acompanha a caminhada de Mariano desde a década de 1990, época da publicação do primeiro livro do paraibano — *O gozo insólito* — é o poeta Lau Siqueira. “Um prosador afiado”, é assim que Lau descreve uma das aptidões do companheiro de profissão. Segundo ele, o escritor traduziu com precisão cinematográfica o cotidiano da cidade de João Pessoa no romance *Entrevamento*. “Sua narrativa mergulhou fundo no conceito que Reich construiu para o ‘homem comum’. Encarou com coragem temas polêmicos e caros ao nosso tempo. Tanto em prosa quanto na poesia desenvolveu uma voz muito singular. Sua obra é muito consistente”, comentou Siqueira.

O romance foi a sexta obra publicada pelo autor; antes vieram quatro livros de poemas e um de conto. Tiago Germano participou do processo de preparação dos originais do *Entrevamento*. Nesse período, o que mais lhe chamou a atenção durante a leitura foi o fato de não haver vestígios do Antônio poeta para o Antônio prosador. “Se não soubesse que Antônio Mariano era poeta, jamais suspeitaria. Digo isso não como um demérito à sua poesia, mas como uma virtude da sua prosa. É muito tentador ao poeta, quando deita na cama da prosa, se entregar a experimentos de linguagem e radicalidades estéticas que comprometem a arte da narrativa que, essencialmente, te pede para contar uma história. Mariano é um ótimo contador de histórias, acima de tudo, na prosa”.

Germano ainda acrescentou: “Não digo que ele deixe a linguagem em segundo plano, mas a lapidação que ele faz no verbo não compromete em momento algum o enredo, não está ali para disfarçar uma possível vulnerabilidade técnica dele (como poderíamos imaginar, diante do estereótipo de um poeta escrevendo um romance). Acho que era o Paul Valéry que dizia que jamais seria capaz de escrever um romance porque jamais seria capaz de escrever uma frase banal como ‘A marquesa saiu às cinco horas’”.

Segundo Tiago Germano, Mariano compreende que frases como essa são parafusos necessários na engrenagem romanesca, que o leitor não precisa ser bombardeado o tempo todo com frases de efeito. “Isso é raro, quando se joga com os dois gêneros”.

Ao ser indagado sobre qual obra do escritor paraibano destacaria, Germano revelou que tende a simpatizar mais



FOTO: JOÃO PEDROSA

Siqueira descreve uma das aptidões do companheiro de profissão como um prosador afiado

Sua narrativa mergulhou fundo no conceito que Reich construiu para o “homem comum”.

Lau Siqueira

com o Mariano prosador, então citou *Entrevamento* como um livro que se sobressai. Ele explicou que essa preferência não tem qualquer relação com algum possível problema nas publicações feitas em verso, mas porque ele foi apresentado primeiro ao Mariano prosador.

“Acho que sou um exemplo perfeito do novo leitor de Mariano: que o conheceu primeiro pela prosa, e só sabia de sua fama como poeta. Acredito que esses leitores, como eu, vão ter um grande instrumento em mãos com esse volume de poesias reunidas: vão poder percorrer o caminho inverso dos seus leitores mais tradicionais, indo da prosa ao verso”, afirmou Germano.

O poeta Sérgio de Castro Pinto explica bem essa desenvoltura de Antônio Mariano para a prosa. Ele frisou que a estreia amadurecida do escritor em *En-*

trevamento se deu em função de a obra ter tido como suporte o contista que Mariano foi e ainda é, desde a publicação de *O Dia em que comemos Maria Dulce*. “Ou seja, Mariano não é um neófito em termos de ficção, pois a sua vivência com esse gênero literário já vem de longe”.

De acordo com Sérgio de Castro Pinto, o romance de Antônio Mariano é perpassado, aqui e acolá, pela poesia, mas sem qualquer interferência nociva à narrativa. “O conto continua conto, o romance permanece romance, apenas com um ingrediente a mais: o poético”, salientou o amigo poeta.

Outro aspecto observado por ele em *Entrevamento*, “é que o narrador sabe conjugar literatura e vida, vida e literatura, na medida em que evita torneios retóricos, estéreis, para privilegiar um texto discreto, eficiente, capaz de prender a atenção do leitor, desde o mais exigente até aquele que busca na literatura nada mais do que um mero entretenimento”.



FOTO: LEONARDO ARIEL

Castro Pinto aponta o amigo poeta como um narrador que sabe conjugar literatura e vida

Mariano não é um neófito em termos de ficção, pois a sua vivência com esse gênero literário já vem de longe

Sérgio de Castro Pinto

Versatilidade e dedicação à coisa literária

Versátil, inteligente e com domínio na aplicação da técnica de diferentes gêneros literários. Essas são algumas características citadas por escritores paraibanos sobre o legado de Antônio Mariano, porém há um que também é comum na fala dos entrevistados, a constância em que o autor se debruça sobre suas criações.

“Mariano é uma criatura humana inteiramente dedicada à coisa literária. Possui espírito de liderança e sensibilidade na organização das intervenções culturais. Gentil, participativo e solidário. É um nome de fundamental importância para a literatura paraibana, principalmente pelo trabalho constante que vem desenvolvendo ao longo do tempo”, afirmou Hildeberto Barbosa Filho.

Já o poeta Lau Siqueira afirmou que “Mariano é dono de uma ação poética escarpada, extraída da realidade, do cotidiano. Não alisa. Não faz concessões”. Para ele, o autor convida o leitor e a leitora para a elaboração dos significados, sendo um poeta das exatidões e das imprevisibilidades no texto.

“Penso que desenvolveu uma navalha cabralina muito particular. É um dos leitores mais atentos dos clássicos e contemporâneos que conheço. Construiu uma biblioteca pessoal admirável e mora dentro dela. É da vida e seus delírios sombrios que Mariano extrai seu lirismo. É um poeta que conhece bem a linguagem poética e formata seus versos com a argamassa da realidade”, comentou Lau Siqueira.

Siqueira ainda ressaltou que a ousadia é uma das marcas do autor, que estreou como poeta, depois veio o conto e continuou escalando. “Não se surpreenda se em algum momento ele nos apresentar um texto dramático”, disse o poeta e acrescentou: “Não por acaso é membro do Clube do Conto da Paraíba desde a sua fundação. Lá aprendeu a conviver com a necessidade de usar a crítica (e autocrítica) que ajuda a efetivar seus processos criativos”.

De acordo com ele, é um privilégio conviver no mesmo tempo e tão próximo de escritores como Maria Valéria Rezende, Sérgio de Castro Pinto, Marília Arnaud, Braulio Tavares. Escritores e escritoras que têm uma relação intensa com a Paraíba, cada qual com um grau enorme de importância para a literatura e poesia do estado, mas também brasileira. “Mariano faz parte desse time admirável de criadores e criadoras. Ele também não é mais um nome regional ou local. Seu romance traz uma ambientação urbana comum, mas com forte sotaque nordestino. Sua voz ecoa cada vez mais longe”.

Um clarão na alma

“Havia pássaros em mim exige a paciência dos que caminham para contemplar, mas também para participar da paisagem. A obra me envolveu nos voos que o poeta propõe desde o início”. A afirmação é da escritora e editora Ana Elisa Ribeiro, responsável pela orelha do livro que o poeta Antônio Mariano lança no mês de agosto. Segundo ela, o livro é generoso com o leitor porque lhe permite acompanhar a trajetória do escritor, avançar sobre seus poemas.



FOTO: SÉRGIO KARAVY/DIVULGAÇÃO

Escritora e editora Ana Elisa Ribeiro sente que o poeta abre os nossos olhos, dando mais nitidez ao que parecia invisível

Com domínio na aplicação da técnica de diferentes gêneros literários, Mariano tem uma constância em se debruçar sobre as suas criações

“Talvez, depois da leitura, reste uma certa melancolia, mas ela não é ruim e nem vem gratuitamente. É que, pela poesia de Antônio Mariano, a gente sente que o poeta abre nossos olhos, dá mais nitidez ao que parecia invisível. É um livro que amplia nossa inteligência”, acrescentou Ana Elisa.

Assim como ela, o escritor Leonardo Almeida Filho, que fez o prefácio da obra, afirmou que é difícil ficar incólume diante dos



FOTO: RENATO ARAUJO/DIVULGAÇÃO

Para Leonardo Almeida Filho, é difícil ficar incólume diante dos versos do autor, que tem um jeito próprio de abordar temas universais



FOTO: CARLOS RODRIGO

versos do autor, que tem um jeito próprio de abordar temas universais como amor, morte, sexo, política. Segundo ele, são poemas curtos, com versos curtos, afiados e, por isso mesmo, lhe transmitiram sempre a impressão de condensarem a matéria poética numa dinâmica toda própria, mas marcadamente influenciada pela poesia contemporânea.

“Numa primeira mirada, os poemas nos fazem refletir, nos desconcertam, nos fazem mexer na cadeira. Nos pegam pela garganta e nos tiram do lugar confortável, exatamente como deve ser qualquer texto literário: deve incomodar. Como cantava Torquato Neto, o poeta tem que desafinar o coro dos contentes e isso os poemas de Mariano fazem muito bem”, ressaltou Leonardo.

Além de ressaltar a longa trajetória do autor no universo literário, ele também reconhece os desafios de investir e persistir trilhando a vida como escritor. Para Leonardo Almeida Filho, os poemas de *Havia pássaros em mim* são pequenas peças de artilharia nessa batalha que é fazer poesia no Brasil.

“Antônio Mariano integra a tal mitológica Confraria dos Ferozes, que reúne

todos aqueles que bebem da água supérflua e imprescindível da poesia, esse oxímoro que nos faz ser humanos e, apesar de tudo, insistem, persistem”, declarou e ainda relatou que “fazer poesia é uma estratégia de guerrilha cultural e Antônio Mariano está no *front*, na batalha, há tempos e sem medo”.

Com relação ao público ao qual a obra se destina, ele afirmou que os poemas requerem certa maturidade e vivên-

Há quatro décadas, Antônio Mariano está no *front* da batalha, fazendo a estratégia de guerrilha cultural pela sua poesia

Há um estilo “Mariano” de escrever versos, apresentando poemas que exigem dos leitores e leitoras atenção e visão crítica

cia do leitor para que possa saborear as reflexões contidas nos versos. “Como disse, são versos que passeiam sobre temas universais que envolvem nossa caminhada sobre a terra. O poeta fala de envelhecer, de morrer; fala de desejo e gozo; fala de amor e solidão. O tratamento estético que lhe é peculiar, há um estilo ‘Mariano’ de escrever versos, nos apresenta poemas que exigem de nós atenção e visão crítica”.

O pensamento de Ana Elisa Ribeiro corrobora com o de Leonardo Almeida Filho. Ela diz que em poesia, podemos falar em dicção, e a de Antônio Mariano é diferenciada. “Ele trata de temas tão clássicos quanto o amor e a saudade, mas de um jeito que tem o gesto das mãos dele. Muitos de seus poemas nos dão aquela sensação de: ‘Aaaahhh’”, completou a escritora.

Confira as obras de Antônio Mariano

- 1 - *O gozo insólito*
(poemas, Scortecci, 1991; edição bilíngüe/português-espanhol, Selinho Editorial, 2024);
- 2 - *Te odeio com doçura*
(poemas, Scortecci, 1995; Selinho Editorial, 2024);
- 3 - *Guarda-chuvas esquecidos*
(poemas, Lamparina, 2005 e 2024);
- 4 - *Sob o Amor*
(poemas, Patuá, 2013; Selinho Editorial, 2024);
- 5 - *O dia em que comemos Maria Dulce*
(contos, Ficções, 2015);
- 6 - *Entrevamento*
(romance, Kotter, 2021);
- 7 - *O olho branco do meu tio*
(contos, Mondrongo, 2023);
- 8 - *Havia pássaros em mim*
(poemas, Selinho Editorial, 2024).



Além de uma nova antologia poética, o autor lançou quatro obras do gênero, duas coletâneas de contos e um romance

Versos da vida, uma breve história

Alexsandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Ao bairro Ponta do Seixas, fiz o juramento de só deixá-lo para a última viagem, poeira, ínfima energia, na reintegração ao cosmos

Antônio Mariano

Antônio Mariano de Lima nasceu no dia 20 de agosto de 1964, às 10h de uma quinta-feira, no bairro periférico de João Pessoa, a Ilha do Bispo, pesando cinco quilos. Sua mãe, dona Marluce, com 29 anos incompletos, deu à luz por meio de parto normal, nas dependências da sua casa.

Entre 20 e 22 anos, ele venceu dois concursos estaduais, um de poemas e o outro de contos, fatos que o inseriu na cena literária local. Na década de 1990, Antônio Mariano teve uma breve experiência jornalística nos principais jornais do estado. Em 2004 concebeu o Clube do Conto da Paraíba, com a parceria de 10 escritores. No mesmo ano, apresentou o programa *Páginas Abertas*, produzido e exibido pela TV Câmara de João Pessoa. Ainda criou e coordenou o projeto *Tome Poesia, Tome Prosa*.

Entre 2009 e 2010, o escritor editou 13 números do *Correio das Artes*, suplemento do Jornal **A União**. É autor de sete livros, com o oitavo prestes a lançar. Em 2024, ele também criou sua própria editora, a Selinho Editorial.

Na vida pessoal, dividiu um teto com Nara e dessa união nasceu o único filho, Ivo. Atualmente, o escritor mora com Marcela e um animal de estimação canino. “Nosso filho adotivo, que atende por Apolo”.

Dois terços da vida de Antônio Mariano foram vividos em bairros periféricos da capital paraibana, “entre pessoas em estado de miserabilidade”. Hoje em dia, Mariano mora na Ponta do Seixas. “Ao bairro Ponta do Seixas, fiz o juramento de só deixá-lo para a última viagem, poeira, ínfima energia, na reintegração ao cosmos”, contou o escritor e poeta.



Poemas de Antônio Mariano

(extraídos do livro inédito “Havia pássaros em mim”)

Blue

*O velho prato
de ágata azul
trincado,
tantos baques,
tantos baques*

*e ainda abriga
um quarto de ovo
cozido
para cada filho.*

*O velho prato
de ágata azul
triste,
tão triste.*

*A mãe sempre diz
que está sem fome
e depois reza.*

*Infância, infância,
onde escondeste
a tua beleza?*

Sem data

*Diz que em Nebraska
ainda se mata
na cadeira elétrica.*

*Diz que a generosidade
se refrata
sem exéquias.*

*Diz que a humanidade
se retrata
como extermina.*

*Diz que o Estado
não se credita
homicida.*

*Diz que a cada
acontecimento
ladies and gentlemen*

*of Nebraska
voltam pra casa
de mãos dadas.*

*E a cidade em êxtase
cê rara beleza
nos eletrocutados.*



As várias faces do poeta, contista e romancista

Hildeberto Barbosa Filho

Conheço Antônio Mariano desde longa data. Funcionário público do INSS, portanto, um burocrata. Porém, um burocrata diferenciado. Um burocrata — suspeito — triste e melancólico por trás do bureau. Os sinais da poesia o perseguiram sempre na escalada diuturna com as palavras, nos acidentes de sua travessia pelo território literário.

“Tome poesia, tome prosa”, eis um dos lemas que o mobilizou nas circunstâncias movediças da República das Letras. Mariano é poeta e prosador. Escreveu um romance, *Entrevamento*, e três livros de contos (*Imensa asa sobre o dia*, *O dia em que comemos Maria Dulce* e *O olho branco do meu tio*).

Sua ficção é marcada pelo travo cruel da vida humana, povoada por personagens em conflito, excluídos e dilacerados. Gosto mais do contista. Escreveu uma peça a partir de um quadro de Pedro Américo, *A carioca*, que me parece uma pequena obra-prima. Diria ser um dos mais persuasivos exercícios da éfrase, isto é, o ato de uma linguagem que lê outra linguagem. No caso em tela, o texto literário lê a pintura, ratificando o postulado de Baudelaire de que “as artes se correspondem”.

No último dos três livros, a que prefaciei, há histórias que impactam a mais exigente sensibilidade estética. Poeta, vem se fazendo senhor de um estilo ácido e lírico ao mesmo tempo, com temas e motivos colados ao duro tecido da realidade cotidiana. Fala do amor numa dicção que renova e elastece as fibras e as vísceras da tópica tradicional. Sua poética não suporta as acomodações do óbvio, possui ritmo dissonante, dialoga com as dores do mundo e com as perdas existenciais, faz dos vocábulos dispositivos móveis e afinados para captar o calor desconcertante das emoções e dos sentimentos.

Gosto de muitos dos seus poemas, principalmente quando seus poemas revelam a voz sem complacência e sem perdão diante das experiências vitais. *O gozo insólito*, *Te odeio com doçura*, *Guarda-chuvas esquecidos* e *Sob o amor* são os títulos que o credenciam como sólido nome da poesia contemporânea na Paraíba.

Fico imaginando Antônio Mariano, esse burocrata seccionado pelas adagas da poesia, naquele ambiente frio dos carimbos, requerimentos e pareceres, a ansiar, em secreto silêncio, pelo encontro e reencontro com os aposentos prazerosos da arte e da literatura, com os poetas de sua estima e admiração. Aqueles que o ajudaram, como a tantos outros, a se configurar o poeta que é.

Poeta do amor e da carne, poeta da linguagem, poeta dos abismos.

Poeta, vem se fazendo senhor de um estilo ácido e lírico ao mesmo tempo, com temas e motivos colados ao duro tecido do real cotidiano.

Sófocles na Lagoa

Tiago Germano

Escritor de sintaxe consolidada na poesia, Antônio Mariano fez sua transição para a prosa com impressionante consciência narrativa no seu romance *Entrevamento* (2021). Com um estilo peculiar, que não descuida dos fatos literários e de sua necessária fluidez, o livro é aquilo que se costuma chamar de uma história bem contada: um exercício de linguagem, mas da linguagem a serviço de um enredo que se sobressai.

Trata-se, aqui, das venturas e desventuras do amor de Moacir e Sandra Regina. Servidor federal, no pleno vigor de uma solteirice convicta, Moacir é um personagem forjado pelo egoísmo da juventude e o machismo de sua época. Numa época ulterior, de onde narra o passado em que sua vida se cruzou à de Sandra Regina, está preso, condenado a um crime que de antemão apenas suspeitamos.

O desafio mais patente, a princípio, é como, manejando um protagonista de caráter ambíguo e quase intragável em suas manias e seu convívio (com os colegas de trabalho, no passado, e com o homossexual João, seu companheiro de cela), não tornar a narrativa também intragável. Mariano contorna esse risco técnico com uma habilidade ímpar na articulação desses dois tempos, nos lançando como isca as “trevas” com que encerra os seus capítulos: imagens e metáforas de grande potencial simbólico, que vão fisingando o leitor numa trama circular e cheia de ecos, que se completam no destino trágico (no sentido mais grego do termo) de Moacir, no cárcere.

O pacto é firmado com o leitor a partir do suspense e da suspensão, nos confiando junto a Moacir em sua cela, acompanhando sua evolução dramática e a forma como a sua relação com Sandra Regina e com o amigo Cassiano espelha-se em seu cotidiano na prisão, escrevendo essa história e confrontando seus preconceitos a partir da relação compulsória firmada com seu companheiro de confinamento: João, personagem cujo passado não será negligenciado, atravessando também a trama.

A imersão também está presente na maneira como os personagens se deslocam em João Pessoa, a imponência um tanto decadente do Centro da cidade, cenário da boemia pelo qual Moacir transita com desenvoltura. A pequena metrópole (a dinâmica dos seus habitantes, do trânsito no anel do Parque Solon de Lucena às epopeias da rotina em caminhadas nas calçadas e corredores de ônibus lotados) é quase um personagem à parte, saltando as páginas numa acertada opção por expor esta geografia tão íntima dos leitores paraibanos, mas tão pouco explorada, ainda, pelos livros com os quais tais leitores estão habituados.

É na lagoa, por sinal, um dos pontos altos da obra, quando Moacir persegue Sandra Regina e entrevemos esse ambiente tão característico, ainda que um microcosmo de várias outras cidades do Brasil e do mundo. É quando o prosador Antônio Mariano trabalha em consonância com o poeta, e os parágrafos fazem um inventário lírico-afetivo de uma paisagem para a qual o seu poema já olhou, deixando seus testemunhos em versos.

Escritor de sintaxe consolidada na poesia, Mariano fez sua transição para a prosa com impressionante consciência narrativa.

Antônio Mariano

Quatro décadas sob os desafios
e os prazeres do fazer literário

Alexsandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Como muitos jovens pobres, ele sonhou em ser letrista e compositor, talvez um cantor da MPB. Seu caminho se enveredou de certo para o lado artístico, todavia pairou no ambiente mais lúdico e sensitivo da literatura, a poesia. O escritor Antônio Mariano, filho de Marluce Francisca de Oliveira (falecida) e Mariano Francisco de Lima, nasceu de parto normal, às 10h do dia 20 de agosto de 1964, na modesta casa onde morava, no bairro da Ilha do Bispo, em João Pessoa. Como ele mesmo diz, saía do ventre confortável da mãe para ser gauche no mundo (Salve, Drummond).

Filho de pais semianalfabetos, o estímulo para adentrar no universo das letras veio de um amigo adolescente da antiga Escola Santa Júlia, atual Padre Hildon Bandeira. Eles analisavam os versos um do outro e, com a prática, a coisa foi se tornando mais prazerosa. A dedicação à literatura lhe rendeu sete livros que serão republicados em agosto para marcar seu aniversário. O escritor ainda vai lançar *Havia pássaros em mim*, sua oitava obra.

Em sua poesia, o amor é uma temática constante; um assunto universal, como ele bem diz, que sempre foi e sempre será lembrado por “poetas eruditos e populares”. O escritor assina também contos, inclusive premiados, e até um romance — *Entrevamento*. Este último teve os primeiros capítulos manuscritos 25 anos antes de sua publicação e pode até ser lançado em Portugal, com um novo nome — *O que eu não sabia da escuridão*. Porém, isso ainda está no campo das ideias. Em entrevista ao *Correio das Artes*, Antônio Mariano, que também foi editor deste suplemento literário de **A União**, fala sobre a trajetória profissional e a perspectiva de um futuro mergulhado cada vez mais nas produções literárias.

A ENTREVISTA

■ Com que idade você escreveu o seu primeiro poema? E como se descobriu ser um poeta?

Comecei a escrever meus primeiros textos aos 16 anos de idade. Não sabia se eram literatura, como hoje sei que não eram, mas algo embrionário disso. Eu escrevia letras de música, algumas com melodias, influenciado pelas canções que ouvia no rádio. Não me descobri poeta, portanto, do dia para a noite. Foi um processo lento. Eu só queria ler e escrever. O prazer e o hábito da leitura eu já alimentava desde o antigo Primário (hoje, primeira fase do Ensino Fundamental). Acredito que tenha descoberto que queria ser poeta já ali, pelos 18 anos, quando cantava no coral da antiga Escola Técnica Federal da Paraíba, regido pelo maestro Maurício Gurgel. Vez ou outra, eu era instado a recitar um poema de minha autoria e, malgrado fosse muito tímido, encarava o desafio e recebia da audiência uma reação positiva. Depois fui vencedor, aos 19 anos, do 1º Concurso de Poesia do Sesc, em nível estadual, o que me inseriu no cenário da literatura local, estreitando amizade com poetas, escritores e jornalistas da área da cultura, e vendo os primeiros textos publicados. A partir desse ponto, me convenci que não tinha volta. Estava condenado a viver a literatura.

■ Para seguir o caminho da poesia, você teve alguma inspiração, alguém da família, algum artista nacional ou paraibano?

Como disse, minha inspiração era a música. Eu queria ser letrista e compositor. Talvez também cantor da MPB. Gostava muito dos folhetos de cordel. Acredito que esse impulso para escrever também venha daí. Ninguém de minha família me motivava, porque eu sou filho de semianalfabetos. Por incrível que possa parecer, quem me incentivou a escrever foi um colega de escola também adolescente. Na escola pública em que estudava (antiga Santa Júlia e hoje Padre Hildon Bandeira), iniciei uma amizade com um colega de classe, Francisco Sátiro. E, nessas conversas, descobrimos que o outro também escrevia. Fizemos um pacto de, todo dia, trazermos um texto para o outro ler e comentar. Eram cadernos e mais cadernos com versos incipientes. Mas, já tinha lido Os Lusíadas, de Camões, e o Eu, de Augusto. De Camões, eu nada captava e teria sido melhor influenciado se tivesse lido primeiro a sua poesia lírica, em vez da épica. Voltando ao colega e depois grande amigo, foi para ele que dediquei o meu primeiro livro, O gozo insólito, publicado em 1991. Esse colega nem

quis seguir fazendo literatura. Enveredou para outro campo, os bastidores da televisão e da publicidade. Na edição comemorativa dos 33 anos da edição da obra, a ser lançada no dia de meu aniversário de 60 anos, eu mantive o oferecimento por coerência a essa história.

■ É comum ver em seus versos a temática do amor. Esse sentimento é uma eterna fonte de inspiração?

A temática amorosa e erótica sempre foi recorrente na minha obra. Está presente no livro de estreia, mais reforçada no segundo livro, Te odeio com doçura (1995), e também no terceiro livro de poemas, Guarda-chuvas esquecidos (2005). Essa particularidade foi apontada pela crítica desde o início. Entretanto, só em 2012, revisitando esses três livros, foi que me dei conta de como eram numerosos os poemas já escritos a respeito, e decidi reunir essa lírica amorosa com algumas peças inéditas no livro Sob o amor, publicado no ano seguinte. O amor é, seguramente, o tema mais explorado na literatura desde os primeiros poetas e os trovadores e nunca estará superado. É universal, cantado por poetas eruditos e populares e assim seguirá. Sempre haverá formas de abordá-lo de maneira inédita, a depender do talento do poeta.

■ Você é um poeta acostumado também a escrever contos. Em 2021, publicou o seu primeiro romance — *Entrevamento*. Como veio a ideia para essa obra?

A prosa e o verso me acompanham desde os primeiros textos. Ainda na adolescência, eu já escrevia histórias curtas. Aos 21 anos, eu fui o vencedor do Prêmio Jovem escritor (para contistas de até 25 anos de idade), promovido pelo Correio das Artes e pela Secretaria de Cultura, Esportes e Turismo do Governo do Estado da Paraíba. O texto vitorioso, A cobaia, foi publicado numa edição deste suplemento literário do Jornal A União, em 1986. Depois, eu publiquei dois ou três contos. Mas fiquei conhecido como poeta pela insegurança de estreiar primeiro com um livro de contos, embora já tivesse uma coletânea com várias peças na época da publicação do primeiro livro de poemas. Em 1998, eu tinha um original intitulado Imensa asa sobre o dia, que veio a ser publicado num box com 10 volumes de autores paraibanos, a Coleção Tamarindo, editada pelo saudoso poeta Juca Pontes, em 2005. O livro já tinha outro título, O dia em que comemos Maria Dulce, também extraído de uma peça homônima quando recebi a proposta de publicá-lo. Mas, Juca achou o título pesado para o público a que



se destinava, que eram os alunos das escolas públicas e privadas. Cedi e voltei ao nome mencionado, mas não me dei por vencido. Então, em 2015, fiz uma nova edição do livro com o título vetado pelo editor.

■ Em qual momento você idealizou o romance?

Aos 20 anos de idade, eu já queria ser romancista. Tenho vários capítulos de histórias longas inacabadas que datam desse tempo. Sobre a ideia do romance *Entrevamento*, o projeto era contar uma história em dois tempos: o passado (quando o narrador viveu uma grande aventura de amor com a heroína) e o presente (com o personagem principal na cadeia, dividindo uma cela com um homem que se identificava como mulher). O foco era abordar temas desconfortáveis ainda hoje, como a questão social, a homofobia e a misoginia.

■ Quanto tempo passou escrevendo *Entrevamento*?

Eu tinha escrito mais de 40 capítulos, todos manuscritos, uns 25 anos antes de sua publicação, e não consegui dar continuidade por várias razões de ordem profissional e pessoal. Mas, afóra isso, não ficou pronto porque, simplesmente, depois dessas mais de quatro dezenas de capítulos, eu travei e não consegui escrever uma linha sequer, não sabia para onde ir, me perdi totalmente. O livro teve sua primeira escritura concluída em 2014, intitulado de *Diário de um cego*,

com a mentoria do escritor, tradutor e crítico literário gaúcho Paulo Bentancur, falecido em 2016. Veio a ser publicado depois de muito enxugamento com a leitura crítica do escritor e jornalista Tiago Germano, ficando com um total de 67 capítulos e 263 páginas. *Entrevamento* é um título original, pelo que me consta nunca usado para batizar um livro, mas hoje não me agrada. Há conversas sobre uma edição em Portugal, dessa vez chamada *O que eu não sabia da escuridão*.

■ Como foi, para você, publicar um romance? Planeja escrever outro?

Foi uma experiência como outra qualquer em literatura. Publicar um romance era um desejo antigo. Essa narrativa longa, na verdade, não é o primeiro romance que escrevi. Foi o segundo. O primeiro teve a versão inicial, pasme, em 1990. Mas nunca me satisfez, nunca o achei pronto para a publicação. Já o refiz, reestruturei quatro vezes e ainda não me agrada, ainda o acho impublicável. Esses romances fazem parte de uma trilogia ambientada na João Pessoa da década de 1980. Todas as histórias se passam na minha cidade natal e estão situadas nesse tempo e espaço, porque foi nos anos de 1980 que esbocei as três narrativas. Quanto à tarefa de escrever um romance, há prazer, mas há muito desespero e dor. E há a principal tarefa, que é a do trabalho intelectual e físico mesmo, de fazer e refazer. Quem vai fazer literatura, contando com glamour, deve

Mariano mostrando a sua primeira obra: a antologia "O gozo insólito", publicada originalmente em 1991, ano também da foto tirada do jovem autor que ele traz consigo

repensar esse objetivo. Escrever é mais aflição que deliciação. Como em toda boa arte. E a História não perdoará essas pessoas equivocadas, que podem até galgar algum posto de sucesso hoje, mas que amanhã terão herdado o esquecimento. Isso não quer dizer que os que sofrem no exercício da atividade literária terão o direito à consagração futura. Claro que não. Todos serão submetidos ao olhar cruel da posteridade. Só ela, a posteridade, pode autenticar o valor de um projeto artístico. Muitos artistas morrem tristes pelo não reconhecimento em vida e só algum tempo depois são notados. Tive um amigo, Rodrigo de Souza Leão, que tinha o grande desejo de publicar por uma grande editora, o que só aconteceu depois de morto.

■ Como é a vida de um poeta hoje em dia, em um mundo tão digital, global e de interações à distância? Dificil achar inspiração ou isso não faz diferença?

O mundo digital facilitou muito a divulgação da literatura, como também tem ofuscado escritores valorosos, destacando aqueles que exibem um texto de qualidade duvidosa, fraquíssimo mesmo, mas têm a seu dispor o domínio das mídias digitais. Distâncias não existem com o advento da

internet. O formato de publicação em e-book permite que um leitor de qualquer país tenha acesso a uma obra literária tão logo ela é publicada. Não é como nos velhos tempos, em que se esperava meses para ter em mãos um livro. Motivação para escrever não depende disso e não deve ser uma preocupação. Entre as artes, escrever continua sendo aquela que exige o menor recurso material, bastando ao escritor dispor de tempo, lápis, papel e acesso a uma biblioteca, que pode ser pública. Eu mesmo escrevi boa parte de meus textos com uma esferográfica, no verso dos papéis que seriam descartados pela minha repartição. A maioria dos livros, tomei emprestado de bibliotecas públicas.

■ **Você foi editor do *Correio das Artes* entre 2009 e 2010. Como surgiu essa oportunidade?**

Assumi a editoria do *Correio das Artes* por sugestão do editor anterior, Linaldo Guedes, que ascendeu a um cargo comissionado na Secretaria de Comunicação do Estado. Tínhamos muita afinidade a respeito da literatura e a cultura em geral, e também sobre o papel da publicação em projetar a arte local e promover o diálogo com o que era produzido nacionalmente. A principal preocupação de Linaldo era ter alguém com um perfil semelhante ao seu, para manter o padrão estético que ele vinha imprimindo ao suplemento. Daí o convite para eu cuidar da editoria, da publicação, depois que o meu nome foi aprovado pela superintendência da Editora **A União**.

■ **Como foi essa experiência?**

Muito aprendizado em viver a rotina de uma redação de um jornal, que não tinha experimentado antes, ao lado de jornalistas respeitados na imprensa paraibana, alguns dos quais estreitei amizade mantida até os dias de hoje. Dei ao *Correio das Artes* o status de uma publicação dentro das normas editoriais que já vigoravam. O veículo existia desde 1949 e ainda não tinha um ISSN, um código de barras para a contracapa. Fui atrás disso. Coordenei o Concurso Literário Nacional, criado por ocasião de seu aniversário de 60 anos, para me assegurar de que fosse feito justiça e fossem contemplados textos de qualidade literária, escolhendo para isso um corpo de jurados reconhecidos pelo seu rigor de avaliação. Dei espaço para alguns escritores marginalizados, que nunca tiveram a oportunidade de publicar um texto no suplemento, privilegiando a produção local, sem relegar a nacional. Tinha o plano ambicioso de digitalização de todo o acervo do *Correio das Artes*, desde a sua fundação, e disponibilizar on-line para pesquisadores e

FOTO: CARLOS RODRIGO



Pessoense chegou a ser editor do suplemento literário do Jornal **A União**, o “*Correio das Artes*”, entre 2009 e 2010

leitores. Desejava também que o suplemento fosse distribuído para as bibliotecas públicas e para todas as escolas dos 223 municípios da Paraíba, o que foi frustrado pela falta de entusiasmo dos dirigentes do momento em abraçar o projeto.

■ **No dia 20 de agosto, você comemora 60 anos de vida e 40 anos como escritor e poeta. De que forma você poderia definir essas seis décadas de vida? Passaram rápido?**

Não percebi esses 60 anos passando rápido nem devagar. Senti que cada etapa dessa vida foi decorrendo no devido tempo em cada estágio vencido. Sei que deveria ter produzido muito mais, que algumas vezes me perdi nesse caminho para depois me reencontrar. Sei que os compromissos de ordem profissional e pessoal interferiram nessa produção. Profissional, principalmente, porque trabalho desde os 20 anos de idade numa área totalmente diversa do mundo literário, que é a Previdência Social, tendo como ferramenta o direito previdenciário para análise, concessão e indeferimento de pedidos de benefícios pelos segurados, inclusive fazendo curso de pós-graduação na área. Não acho que o número de oito livros publicados seja pouco para que um escritor seja reconhecido como tal. Há escritores com apenas dois livros que são mais consagrados do que quem já publicou dezenas e mais dezenas, como, por exemplo, Raduan Nassar, que foi contemplado com o Prêmio Camões, o mais importante da língua portuguesa. Mas, talvez essa obra construída obedecesse mais os meus referenciais e exigências estéticas se o tempo passado fosse mais generoso, para eu dar a esses livros publicados a devida atenção.

■ **O que faria se tivesse a oportunidade de ter tido mais tempo?**

O tempo que não tive também serviria para melhor divulgação dos livros que escrevi, dando melhor visibilidade, circulando pelo país e participando de encontros, bienais e festas literárias, correndo atrás de espaço nas revistas e portais especializados. E nem falo do famoso ócio criativo e necessário. A carreira profissional foi conflitante em alguns aspectos, porque eu precisava trabalhar duplamente nas duas áreas de atuação, haja vista que sabemos que os bons textos literários não caem do céu por obra e graça da maldita palavra inspiração, mas é resultado de muita leitura e de muito exercício de escrita.

■ **Como a data do seu aniversário será celebrada?**

Escolhi celebrar esses 60 anos de

IMAGEM: DIVULGAÇÃO/SELINHO EDITORIAL



Trazendo 60 poemas inéditos, a coletânea "Havia pássaros em mim" será lançada no mês de agosto

existência compartilhando com meus pares escritores, leitores, amigos e parentes, o que produzi de mais precioso no campo profissional que são os meus oito livros, um dos quais, em fase de publicação, a coletânea *Havia pássaros em mim*, que traz 60 poemas inéditos. Não via outra forma de celebração dessa vida. O meu aniversário marcará também a despedida do serviço público federal, ao qual fui admitido por concurso e dei a ele o meu sangue por 40 anos. Essa despedida me abre uma nova perspectiva para o ofício literário e será uma forma de recomeço, porque tenho consciência de não ser um poeta pronto, um escritor pronto, que tenho muito o que aprender e muito a trabalhar para oferecer aos leitores algo digno de apreciação.

■ **O que o público pode esperar de *Havia pássaros em mim*?**

O que o leitor vai encontrar nos 60 poemas desse livro é a forma similar a dos projetos anteriores de abordar e exprimir um ângulo da vida, da sociedade, suas contradições e suas desigualdades, do amor fraterno, filial, ou do carnal e do desejo, da reflexão sobre o fazer poético, do diálogo com os textos dos poetas canônicos que fazem parte da minha formação e com os dos

meus contemporâneos afins. Isso está presente desde o meu livro de estreia, passou pelos anteriores e dou seguimento neste livro recente. Não quer dizer que não houve evolução na poesia que tento fazer. Claro que eu estudei e pesquisei mais, exercitei mais e, portanto, acredito que amadureci mais. Meu lema, entretanto, sempre foi: não repetir, não repetir-se. É o que tento seguir. Mas, o que define esse ponto em comum na escritura de meus poemas? A questão da musicalidade que eu tento aprofundar na proposta de *Havia pássaros em mim*, o emprego frequente das rimas toantes que diferem das conhecidas rimas consoantes que a gente vê na poesia tradicional e na popular. Toda a minha poesia procura fugir ao tom asséptico que contamina boa parte da poesia brasileira desde os românticos, principalmente.

Desde o início, minha proposta é fazer uma poesia cheia das impurezas do mundo, poesia que sacoleja, bate sem piedade, poesia sem complacência, poesia porrada mesmo. É claro que há muitas exceções. Algumas vezes me dou ao direito de explorar fatores existenciais, de ser mais lúdico, experimentar, brincar mais com a sonoridade. Os poemas de *Havia pássaros em mim* só aprofundam esses aspectos.

■ **Se fosse escrever uns versos sobre sua trajetória de vida, como eles seriam?**

Os versos sobre essa trajetória estão em permanente escritura desde que me aventurei nos caminhos da arte literária. Estão nos poemas que já publiquei e nos que reneguei, nos que destruí ou nos que esqueci. Estarão também nos poemas que as circunstâncias do tempo me permitirem trazê-los à luz. Esses versos, portanto, seguem em constante escritura e não podem ser previstos. Eles são e estão na paridade dos dias que já se foram e dos que podem advir. Gostaria de fechar essa conversa lembrando uma fala importante de Paulo Leminski, quando ele diz que "Ser poeta aos 17 anos é fácil. Eu quero ver alguém continuar acreditando em poesia aos 22 anos, aos 25 anos, aos 28 anos, aos 32 anos, aos 35 anos, aos 40 anos, aos 45 anos, aos 50, aos 60 anos". Aqui cheguei eu, acreditando. Se essa crença foi equivocada ou não, se eu devia ter desistido, só o tempo vai dizer.



Analice Pereira
marianalice@hotmail.com



Lições de Antonio Candido

Organizado por Maria Augusta Fonseca e Roberto Schwarz e publicado pela Editora 34, em 2018, o livro *Antonio Candido 100 anos* traz uma seção intitulada *Lições de professor*, com textos de Adélia Bezerra de Meneses, Alfredo Bosi, Davi Arrigucci Jr., Flávio Aguiar, o próprio Roberto Schwarz, Walnice Nogueira Galvão, Sárka Grauová e José Miguel Wisnik. São verdadeiras aulas de crítica literária, política, cidadania, pedagogia, sociologia e que nos aproximam de um legado imensurável sobre literatura brasileira, de um ponto de vista mais específico, e sobre o Brasil, de um ponto de vista mais amplo, construído por um intelectual brasileiro, nascido no Rio de Janeiro e cuja infância foi vivida em cidades mineiras como Cássia e Poços de Caldas. É por essa vivência nas Minas Gerais que ele se definia como mineiro nascido no Rio.

**Ideias do
sociólogo
carioca foram
amplamente
difundidas e
discutidas por
professores
na Paraíba**

FOTO: WILTON JUNIOR / ESTADÃO CONTEÚDO



Cândido (1918-2017) contribuiu para a formação humana, política e acadêmica de diversas gerações

Não é fácil falar de Antonio Candido, também não é difícil. É muito comum ouvir/ler algum ex-aluno enaltecendo a sua postura em sala de aula, a sua forma de estabelecer interlocução com seus alunos, a sua disposição para a escuta e para o reconhecimento da importância do saber do outro, a clareza com que expressava suas ideias, a gentileza com que tratava as pessoas, a elegância de seus trejeitos, tanto na sala de aula, quanto nos ambientes de orientação de alunos, nas palestras que proferiu por toda a vida, na militância e na sua produção escrita. Amador Ribeiro Neto, professor aposentado pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), crítico, poeta, colunista neste suplemento, cuja formação em Letras na USP lhe rendeu a oportunidade de ser aluno de Candido, relata histórias maravilhosas vividas com o professor dentro e fora da sala de aula.

Há quem diga que ele escrevia como falava. Ou seria o contrário? José Miguel Wisnik, por exemplo, destaca, além da vocação crítica do professor, a linguagem límpida, que demonstra um propósito claro, uma postura política por meio de uma pedagogia que permitia que seus textos fossem apreciados, democraticamente, por diferentes públicos. Inclusive esse ponto aparece em praticamente todos os ensaios que compõem a seção do livro referenciado acima. Outro aspecto importante de sua atividade como professor, destacado por Wisnik, é o fato de Candido não mencionar textos de sua autoria em sala de aula, o que diz muito de um traço característico de sua personalidade, que dizia respeito à salvaguarda de situações que pudessem indicar algum tipo de exibição, além de uma abertura para outras correntes críticas, teóricas e metodológicas, que ele fazia questão de inserir em seus planejamentos de aula. O *estudo analítico do poema*, livro publicado a partir de anotações de aulas, e idealizado por alunos de um curso de Teoria da Literatura ministrado na USP, em 1963, quase que à revelia do autor, pode ser um exemplo disso.

Ao ler *Antonio Candido 100 anos*, fui remetida às minhas memórias acadêmicas num trajeto percorrido em três décadas. Não porque tenha sido aluna dele, diretamente. Quem me dera! Comecei a lê-lo em 1993, quando ingressei em Letras na UFPB, nas aulas de Teoria da Narrativa, disciplina ministrada pela professora Moema Selma D'Andréa. Eu, tão imatura e ingênua para a matéria literária, iniciava naquelas aulas de Moema a minha for-

mação leitora-crítica de literatura, com lições fundamentais que levaria para toda a vida. Ali começávamos a treinar o olhar para a análise-interpretação do texto literário, que não focasse apenas na forma, nem tampouco apenas no conteúdo. Orientados por Moema, que seguia as orientações de Candido, buscávamos ensaiar um olhar para a literatura que fosse dialético e não dualista.

Por toda a graduação, seguimos lendo Candido em aulas de Amador Ribeiro Neto, Vilma Mendonça, Maria Ignez Ayala, Rinaldo de Fernandes, Sônia Ramalho. Dentre os livros mais estudados naqueles anos, estavam *Literatura e sociedade*, *Na sala de aula*, *Formação da literatura brasileira* e *O estudo analítico do poema*. Mas foi no mestrado, em 1998, durante a disciplina Tópicos especiais em literatura brasileira: Antonio Candido, proposta pelo professor Andrea Ciacchi (meu orientador à época), que nos dedicamos à discussão, especificamente, de alguns textos, incluindo a *Formação...*, *Literatura e sociedade*, *Teresina etc.*, alguns capítulos de *Vários escritos* e de *O discurso e a cidade*, além de *Ficção e confissão*.

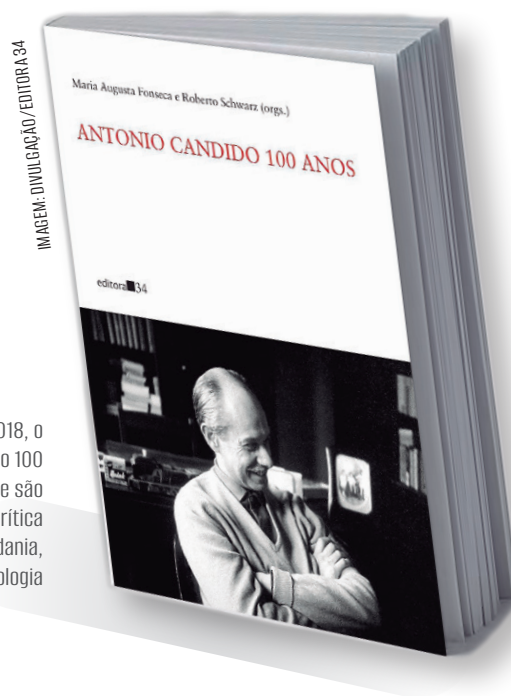
Vendo aqueles momentos hoje, pelo olhar distanciado no tempo, observo que essa seleção de textos sugeria uma perspectiva um tanto panorâmica do pensamento de Candido sobre literatura, e com aprofundamento em questões relativas ao método de análise crítica do texto literário, em termos teóricos, e materializado em ensaios como o *Dialética da malandragem*, texto considerado de fato dialético, e em que o autor inaugura essa “nova” maneira de ler literatura criticamente, e *De cortiço a cortiço*, outro

exemplo fundamental do exercício crítico-analítico no mesmo método.

Éramos uma turma muito pequena e bastante empenhada em conhecer e discutir aquelas ideias. Formada por mim, Janaína Guedes Milanez (que infelizmente não está mais entre nós e de quem eu sinto uma imensa saudade; sua pesquisa era sobre o poeta Mário Quintana) Márcia Tavares (hoje, professora da UFCG), Nara Limeira (pesquisadora na área da Cultura Popular), Jefferson (cujo sobrenome não lembro e cujo paradeiro desconheço), José Mariano Neto (pesquisador da obra de Caio Fernando Abreu), Edson Soares Martins (atualmente professor na Universidade Regional do Cariri — Urca) e Marli Paz (hoje aposentada, mas à época era professora do curso de letras da UFPB).

Lembro, perfeitamente, Ciacchi abrindo o curso dizendo que “há dois tipos de leitores de Candido: um que acentua o nome dele e outro que não acentua”. Entendíamos o alerta sério embutido nessa fala dita em tom de brincadeira. Gravítávamos em torno das ideias centrais de Antonio Candido, lidas e antepostas por Andrea Ciacchi. O clima era de leveza, apesar do assunto difícil. Certamente isso tem a ver com uma postura de professor, que era de Candido, mas que parecia contagiar Ciacchi que, por sua vez, contagiava todos nós naquela sala de professores de literatura em formação.

Revisitando minhas anotações e puxando da minha memória, inclusive afetiva, recupero os propósitos essenciais daquele curso. Compreendíamos, por exemplo, que Candido desempenhava vários papéis — crítico literário,



Publicado em 2018, o livro 'Antonio Candido 100 anos' traz seção que são verdadeiras aulas de crítica literária, política, cidadania, pedagogia e sociologia

professor, historiador, militante — e se apresentava como um dos principais intelectuais brasileiros do século 20. Pelo percurso do pensamento de Antonio Candido, apresentado na leitura e discussão dos textos, ia ficando cada vez mais claro o movimento do crítico como leitor que recorre à tradição, ao mesmo tempo em que demonstra abertura para a atualidade, além de compreender com relativa clareza o que o crítico apontava como elementos que distinguem a sociologia do sociologismo e a análise da forma da análise dos condicionamentos sociais como fatores externos. Ou seja: amadurecíamos o que que vínhamos aprendendo desde a graduação.

Atualmente, pesquisas em literatura têm se debruçado em discussões em torno de algumas pautas necessárias e urgentes, como gênero, sexualidade, feminismo, relações étnico-raciais e os seus desdobramentos como o racismo, decolonialidade etc., inclusive como um fator de militância, no sentido estrito do termo, e como ruptura com um conceito elitista de cultura. Isso porque a literatura é um mar inesgotável de ideias que se pode explorar como conteúdos ilustrativos e reflexivos para a discussão dessas pautas. No entanto, hoje, infelizmente, tornou-se uma prática bastante usual encontrar análises literárias que priorizam os fatores externos (conteúdo) em detrimento dos internos (a forma), o que coloca o texto literário no lugar de pré-texto para a discussão dessas pautas. Nesse tipo de estudo/trabalho a literatura corre o risco de ser negligenciada.

Um ponto a ser observado nesses estudos é, portanto, se o olhar do crítico literário tem se ocupado mais da ética do que da estética. Não que uma deva excluir a outra, pelo contrário. Os ensinamentos de Candido rumam exatamente no sentido de nos auxiliar na compreensão de que ambas podem (e devem) ser analisadas em sua relação dialética, e que o olhar do analista e crítico e/ou do ensaísta deve partir da forma, da linguagem, dos artifícios estéticos, da literariedade do texto, que é o que o define como literário. Um estudo que se propõe analisá-lo, negligenciando a discussão acerca da linguagem elaborada pelo escritor, da forma, ou seja, da estrutura, e sobrelevando apenas o assunto nele apresentado, pode incorrer no erro grave de empobrecer o próprio texto, quando o que se espera é que tais estudos sejam chaves para as interpretações múltiplas



FOTO: DIVULGAÇÃO/ROCCO

Para a professora Diana Klinger, “do ponto de vista da América Latina, teríamos que escrever uma história diferente, na qual Angel Rama e Antonio Candido seriam considerados ‘os pais fundadores’ dos estudos culturais latino-americanos”

e, também, para a própria fruição, lugar primordial da literatura.

Daí a importância de ideias como as de Diana Klinger, para o entendimento dessa fronteira, quando ela diz, por exemplo, que “do ponto de vista da América Latina, teríamos que escrever uma história diferente, na qual Angel Rama e Antonio Candido seriam considerados ‘os pais fundadores’ dos estudos culturais latino-americanos” (*Escritas de si, escritas do outro*, 7Letras, 2012, p. 83). Ao colocar Candido nesse lugar de importância para os estudos culturais, Klinger chama atenção para a maneira como o crítico mineiro lia e interpretava a literatura: trazendo para a discussão pautas (condicionamentos externos) do chão-histórico mobilizado internamente, ou seja, dentro do texto.

Dessa forma, é possível afirmar com tranquilidade que, no que se refere ao método dialético, Candido segue sendo decisivo porque nos direciona a olhar a literatura como “formalização estética de circunstâncias sociais”, “redução estrutural do dado externo”, e buscando a “função da realidade

histórica na constituição da estrutura de uma obra”. As passagens aspeadas nesse parágrafo são todas extraídas de textos de Antonio Candido.

Seus ensinamentos continuam fundamentais para muita gente. Quando me debruço na leitura de um romance contemporâneo, por exemplo, com a finalidade de estudá-lo para dar aula ou para resenhá-lo, o método que Candido desenvolveu em suas análises me tem sido o melhor instrumento porque me auxilia poderosamente na interpretação daqueles *insights* que temos quando lemos e que, pelo exercício analítico, deixam de ser meras impressões para se tornarem elementos de análise-interpretção, fundamentada por teorias da literatura, pela história social que serve de circunstância para a existência do livro e pela mobilização de conhecimentos das várias áreas do saber: filosofia, sociologia, antropologia, música, psicanálise etc.

De fato, não é fácil realizar esse tipo de leitura crítica. O próprio Roberto Schwarz, ao se referir ao método de Candido, no texto *Pressupostos, salvo engano, de Dialética da malandragem (Que horas são?*, Cia. das Letras, 1987) diz que se trata “de uma palavra de ordem fácil de lançar e difícil de cumprir”. No entanto, ao nos movimentarmos na direção de aprender a manejar essa ferramenta, isso já representa, por si só, um exercício intelectual imenso, por meio do qual muita coisa se apreende no e pelo texto literário a que podemos nos referir como sendo o objeto mobilizador/catalisador dos debates sobre literatura. Afinal, sem o texto literário não há debate sobre literatura.

Antonio Candido nasceu no dia 24 de julho de 1918. Aproveitamos o mês de seu aniversário para fazermos a nossa homenagem a esse professor que tanto contribuiu para a formação humana, política e acadêmica de gerações de pessoas, em universidades públicas e particulares da Paraíba, especialmente nos idos dos 1990 (anos de minha formação), quando suas ideias foram amplamente difundidas e discutidas por professores da UFPB, a exemplo dos mencionados nesta coluna.

Analice Pereira é professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB).

Escreve sobre literatura e, vez ou outra, aventura-se pela ficção.

Mora em João Pessoa (PB).

Tessitura

Se já te envolvem
As tramas desta teia
E te aprisiona a mim
O invisível visgo
Desta tessitura.
Não tens com fugir.
Silencia pois e ouve apenas
O cântico de amor que preparei
Para o momento de usufruir-te.

Telúrica

Termal
Terrena
Terna
No solo fértil do teu corpo
Eu me debruço
E me entrego
Ao impulso cúmplice
À fúria deste jogo
Que nos transforma
Em animais vorazes
E o amor brota entre gravetos,
Pedras, seixos, prados
Enquanto o fogo
Nos consome as entranhas
E queima sem palavras

Terminal

Neste porto onde atracas
Exausto de tantas viagens
Não te esperam Amélias
Nem Penélopes
Nem Marias.
Te aguardo, eu
Com meus recôncavos e baías
Minhas dunas e enseadas
Para que lances âncora
E descanses
Apenas.

Bélica

Teu corpo sobre o meu
Tem o domínio de punhais,
Facas, sabres, lanças, setas,
Adagas, cimitarras
Que aniquilam minhas defesas
E te permitem a conquista derradeira.

Fogo fátuo

Voraz este teu corpo abrasado
Penetrando viril
Pelos meus flancos
Veloz adaga
Feroz urtiga
que me invade
me queima
e me embriaga.

Maturação

Não deixes
Que a tarde te embriague
Deste desejo
Cheio de promessas
De infindáveis primaveras.
Embriaga-te de mim
E dos frutos maduros
Que te ofereço.
Pra ti me faço vinho
Neste outono
E escorro por teu corpo
Feito mel.

Nova eva

Trago você qual mapa
Tatuado na memória
E esta febre rara
De percorrer os teus caminhos
Conhecer frestas,
Nervos, sulcos, rugas;
Descobrir tronco,
Pele, braços, pernas
Até chegar no fruto proibido
E ao prová-lo
Reconquistar enfim
O paraíso

Oferenda

Tão logo em teu rosto
Eu pressinta o desenlace
Me ofertarei à fera que me aguarda.
Não sobre a fria lápide de pedra
Nem o altar vazio de sacrifícios
Mas, olho no olho, dente no dente
Sbre os lençóis da cama

harovsky



Pacto

Sem muito alarde
Meu fogo arde
E eu me consumo na paixão.
Mais um instante, espera.
E levarás as cinzas

Amor-perfeito
Te sei:
Provei teu gosto
Recolhi teu gozo.
Ostra fechei-me
E te aguardei.

Estrelas de neon

Preciso te contar
Desta explosão azul em mim
Que, de repente,
Me invade de uma ternura
Trêmula e quente.
Preciso te mostrar
As luzes verdes
Que escapam dos meus olhos
E vão, pelas paredes
Apagando medos
Clareando trevas
Destruindo cercas
Que sempre se interpõem
Entre os meus sonhos
E o teu real.
Preciso te falar
Destas estrelas de neon
Brilhando em minhas veias
Testemunhas solitárias
Do teu enraizar
Preciso te deixar imerso
Para sempre, pulsando
Na paixão deste universo.

ILUSTRAÇÃO: TOMO

Ludmila Saharovsky é poetisa, cronista, dramaturga e tradutora com diversas obras publicadas. Nasceu em Salzburg, Áustria. Na década de 1950, emigrou para o Brasil. Reside atualmente em Jacareí (SP) e é membro da União Brasileira de Escritores — seção Paraíba (UBE-PB).



Décadas históricas

Elizabeth F. A. Marinheiro
Especial para o *Correio das Artes*

A edição de *Novos Hábitos de Leitura*, destinada ao ensino da Literatura no 1º grau/5ª e 6ª séries, é o resultado de um sonho tão antigo quanto à proposta que o verbalizou.

Não impressiona a perspectiva segundo a qual a literatura brasileira — moldura para temas dos grandes centros — deve alcançar a interiorização. Para que se conquiste uma verdadeira comunicação nacional, é preciso que as literaturas regionais cheguem, igualmente, aos grandes centros. Postula-se dar às chamadas literaturas paralelas a mesma ênfase que se defere às literaturas vigentes, num esforço de particularização cultural sem o risco da setorização inconsequente.

O projeto como um todo, enquanto método de desenvolvimento educacional e cultural, visa a obtenção dos dados que comporão o quadro de produção literária em áreas urbanas e periféricas.

Voltar-se-á para os traços, considerados como modo específico de expressar a sobrevivência e seu aperfeiçoamento nas atividades sociais de produção material e na prática literária, artística, folclórica e recreativa. Tudo isso representa não só a continuidade do ciclo cultural mas, sobretudo, o aproveitamento da pesquisa para o ensino.

O aproveitamento desse material no ensino preservará o caráter regional de cultura e a difundirá entre estudantes de 1º, 2º e 3º graus.

Considerando a infância uma questão humana, e não uma questão etária, o presente material quer ser um encaminha-



FOTO: FABIANA VELOSO/ARQUIVO A UNIÃO

Elizabeth Marinheiro, uma das coordenadoras do Núcleo de Estudos Linguísticos e Literários

Para conquistar uma verdadeira comunicação nacional, é preciso que as literaturas regionais cheguem, igualmente, aos grandes centros

mento para a compreensão da literatura enquanto ficcionalidade, que não escapa às raízes do real e imaginário.

Como o fenômeno literário não pode ser determinado apenas por marcadores cronológicos e fases do processo educacional, pretende-se uma metodologia que deverá ser entendida a partir dos específicos princípios de literariedade. E se a literariedade é permanente desafio para a epistemologia, sua abordagem não poderá limitar-se a um nível apenas de ensino: ela terá de ser abordada, de forma contínua, ao longo das várias etapas de escolaridade, estabelecendo uma relação entre a escola e a comunidade cultural.

Dentro dessa ótica, pode-se falar numa seleção de textos, isenta dos rígidos critérios de divisão, onde importantes variantes serão consideradas: forma, conteúdo, ilustração, impressão, estímulo, classe socioeconômica, maturidade, escolaridade, entre outras.

Entretanto, quando se trata de uma experiência pioneira no Estado da Paraíba, não se pretende dotar a seleção de uma total abrangência, razão pela qual a “metodologia” se circunscreverá aos textos dos autores paraibanos.

Deseja-se, pois, fornecer a pais e mestres uma orientação para a indicação de leituras à comunidade infantojuvenil, voltada para interesses e expectativas de crianças e jovens e para a literatura da região, cujos representantes são desconhecidos e esquecidos no seu próprio meio.

Espera-se que a elaboração dos colegas pesquisadores — por sua pluridimensionalidade — possa motivar pais e filhos, alunos e mestres já que plantada na realidade literária que a inspirou e que a norteará.

Se a literatura é recurso indispensável ao processo educacional e se a capacidade de ler é essencial à realização do indivíduo e ao progresso econômico e social de um país, viabilizar situação de leitura não é exclusiva tarefa de escola: é missão que se impõe aos poderes constituídos e aos grupos comunitários. Ao estado que os pretende incorporar, dizendo-o representá-los.

Parecer da professora Dra. Nelly Novaes Coelho

Professora titular da
Universidade de São Paulo

Com relação aos objetivos e previsível alcance ou sucesso do Projeto da Cartilha Literária (para nível de 5ª e 6ª séries), desenvolvido pelo Núcleo de Estudos Linguísticos e Literários (Nell), sob a coordenação-geral da professora Dra. Elizabeth Marinheiro e coordenação específica da professora Carmen Batista Felipe, não hesitamos em qualificar de altamente significati-

vos, dentro do atual processo cultural/educativo brasileiro.

Fundamentado nas teorias do pedagogo Louis E. Ratha, — que estimulam o ler por prazer, através de atividades intelectuais e emotivas (ler, criticar, resumir, imaginar, dramatizar, desenhar, pintar, cantar, escrever etc.), o presente projeto engloba uma seleção de textos literários, de autores paraibanos consa-

grados ou iniciantes, com uma diversificada orientação no sentido de estimular uma leitura lúdica/reflexiva que leve a uma escrita criativa, pelo estímulo à imaginação criadora e às faculdades intelectuais do pequeno leitor.

Conseguindo harmonizar atividades bem diferenciadas, a partir da leitura dos textos selecionados, a cartilha literária atende plenamente a uma das exigências básicas do Currículo Pleno da Escola — o aprender a pensar, a observar, a transformar em linguagem o pensamento reflexivo e as próprias emoções. Ou numa palavra: a criar, pelo exercício das potencialidades latentes no aluno.

É esse, pois, um projeto altamente positivo, cuja supervisão nos honra sobremaneira e nos alegra poder aprovar *in totum*.

Objetivos gerais

1. Aproximar a obra literária do jovem leitor (ou jovem escritor) para despertar-lhe o interesse e o prazer pela leitura do texto literário e estimulá-lo a exercitar uma escrita criativa.
2. Proporcionar-lhe, através do convívio com a literatura, uma nova maneira de ver o mundo à sua volta e de viver, interiormente, com mais emoção, prazer e conhecimento.
3. Divulgar, entre os meninos e jovens, a arte literária do seu chão natal, bem como o pensamento, a linguagem ou as vivências que ali são naturais.
4. Incentivar a produção e a divulgação de textos literários criados pelos pequenos ou pelos jovens, como atividade escolar e em decorrência de seus interesses ou impulsos pessoais.

Objetivos específicos

1. Estimular a interpretação de textos e gravuras para uma compreensão mais ampla da leitura.
2. Exercitar paráfrases, resumos, dramatizações ou ilustrações dos textos escolhidos.
3. Possibilitar a reinvenção dos textos lidos e analisados, no sentido de lhes dar novas conotações ou significados, através do exercício da imaginação criadora e/ou o conhecimento de técnicas de composição literária.
4. Provocar exercícios de cantar, dramatizar, memorizar poesia, como jogos ou brincadeiras com a palavra, que estimulam o desen-



FOTO: JARBAS OLIVEIRA / ESTADÃO CONTEÚDO

Patativa do Assaré (1909—2002):
“Não tenho estudo nem arte, / A minha rima faz parte / Das obras do coração”

- volvimento do potencial artístico dos jovens leitores.
5. Ler, entrevistar, conhecer pessoalmente os autores dos textos selecionados, inclusive, para confronto entre o culto e o popular, ou entre o escritor consagrado e o iniciante.

Critérios de seleção

1. Textos de poesia ou prosa que falem dos diferentes aspectos ou interesses da vida e do mundo: o cotidiano; o popular ou folclórico; o regional e o nacional; o social como participação; a meditação ou reflexão sobre

1. o mundo e, principalmente, sobre a palavra, ou melhor, sobre a própria criação literária.
2. Textos que registrem situações humanas significativas para os pequenos ou jovens, em linguagem literária capaz de lhes atrair a atenção; provocar-lhes emoções e torná-los participantes da experiência ali instaurada pela arte do autor.
3. Textos de autores paraibanos, de diferentes níveis e categorias: consagrados ou iniciantes; cultos ou populares; poetas ou prosadores.
4. Textos que, oferecendo prazer emotivo e conhecimento do humano, sejam passíveis de servirem de estímulo à fantasia ou à imaginação criadora de seus leitores. Textos que os desafiem a, também, escrever, ou melhor, a se empenharem em exercícios literários que possam revelar talentos latentes...

Andréa Pereira Barros

“Vontade de ser música / que ajuda a ver.” (*Vontades*, p. 15)

Fernando Fernandes

“A molequeira corria gritando / e ganhava entrada no circo.” (*Óia o palhaço no meio da rua*, p. 19)

Margaret Asfóra

“O gatinho imaginou / Que curral não tem galinha / Nem galinha faz au-au / Isto tudo o assustou.” (*O sonho do gatinho*, p. 21)

Palmeira Guimarães

“Sou ave. Quero ir-me embora, / minha casa é o mundo afora, / meu alpendre a imensidão.” (*É bom ser ave*, p. 25)

Sérgio de Castro Pinto

“Um jeito de quem pisa fundo / desrespeitando os semáforos do mundo.” (*Macaxeira*, p. 7)

Eulajose Dias de Araujo

“Cada poema / que faço, / é como uma árvore / que a natureza planta a mais / sobre a paisagem.” (*Poema Árvore*)

Manuel Camilo dos Santos

“Eu que desde pequenino / sempre ouvia falar / neste tal São Saruê / destinei-me a viajar / com ordem do pensamento / fui conhecer o lugar.” (*Viagem a São Saruê*)

Janice Japiassu

“Hoje é o dia da ventura / Das bodas da maravilha.” (cantiga)

Patativa do Assaré

“Não tenho estudo nem arte, / A minha rima faz parte / Das obras do coração.” (*Cante lá que eu canto cá*)

Jomar Moraes Souto

“Que o dano / de quem vive nesse afã, / dura de Ministorver / é não ter o que comer / na terra de Canaã.” (*Breve Roteiro para o País de São Saruê via Rio do Peixe*)

Maria da Paz Ribeiro Dantas

“Bom dia, prisioneiro / desperto na cela escura / Em tua porta, lá fora, / bate a manhã sem idade.” (*A Sirene e o dia*)

Cláudio Limeira

“A pobreza dói / na minha dor.” (*Nordestina*)

Marcos dos Anjos

“O homem na terra / — a terra do homem / o homem no homem / — o escravo do homem.” (*O Homem na Terra*)

Fernando Luiz Alves Barroso

“Mas uma só metralhadora / produz som enlouquecido / e mata as pessoas / e acaba com o mundo.” (*Olé*)

Braulio Tavares

“Vi uma mão fazer o barro / Um homem forte, um homem nu; Um homem branco como eu / um homem preto como tu; Porém não foi a mão de Deus, / Foi Vitalino de Caruaru.”

Quito Dias

“Seu moço, meu cidadão, / Eu aconçêio a voimicê, / Qui de fato é brasileiro / Venha conhecê a Paraíba!” (*A Paraíba turística*)

João Batista dos Santos

“Campina campo / Campo Campina, / Campina Grande / Campina imensa, / Campina minha!” (*Campina Grande*)

Saulo Mendonça Marques

“As pedras se atiram / em minha direção / e as vítimas se divertem / acomodadas / na página policial.” (*Avenida São João*)

Aldo Lopes de Araújo

“Meu boi um dia / deixou de ser sabugo, / foi sofrer na arena / d’um matadouro” (*Martírio do meu Boi*).

Lizanka Paola

“Será era em que todo o mundo só terá a doença da maquinariamente.” (*Livro Verde*)

José Antônio Assunção

“Enche minha casa de livros / e hoje não há traça que eu não desprezo / só por me assemelhar a elas.” (*Inseto*)

Antônio Moraes de Carvalho

“Tudo é número / — por isso, conto / tudo é palavra / — por isso, conto / e por mais que conte / não atinjo o número / e por mais que conte / não atinjo a palavra.” (*Poesia de Poesia*)

Políbio Alves

“Não furei o círculo / não armei o bote / nem marquei o ardo.” (*Contexto*)

Esclarecimentos

Não postulamos enquadrar os autores em nenhuma vertente estilística e não adotamos e as ordens alfabética e cronológica.

Em se tratando do método amostragem, evitamos a transcrição integral dos poemas, até porque ela se encontra completa no original do livro *Novos Hábitos de Leitura*.

Esperamos o apoio dos colegas que coordenam a divulgação da literatura elaborada no Brasil — em particular na Paraíba — através das décadas do *Correio das Artes*.

E não podemos esquecer a simplicidade e a competência de William Costa, André Cananéa, Ana Cristina Flor, Naná Garcez, Rui Leitão, Audaci Junior, Renato Félix e tantos outros à frente do Jornal *A União*.

Elizabeth Marinheiro é escritora, crítica literária e professora doutora que ocupa a cadeira de número 20 da Academia Paraibana de Letras (APL). Nasceu e mora em Campina Grande (PB).



Amador Ribeiro Neto
amador.ribeiro17@gmail.com

O Thomas Mann da novela

Thomas Mann, Nobel de 1929, é celebrado por *A montanha mágica* (1924), que retrata uma Europa em polvorosa com a Primeira Guerra Mundial. Ou *A morte em Veneza*, novela de 1912 que inspirou filme homônimo de Visconti. Ou mesmo *Dr. Fausto*, célebre por imortalizar a lenda do pacto entre o homem, desiludido com a ciência, e Mefistófeles, o poderoso demônio.

Mas é bom estar atento a uma novela de Mann, *As cabeças trocadas* — em especial na primorosa tradução de Herbert Caro. Aqui há um Thomas Mann diferente do seu romance de estreia, *Os Buddenbrook: decadência de uma família* (1901). A novela apoia-se em uma lenda hindu e é o retrato de um peculiar triângulo amoroso: a bela e irresistível Sita, os amigos Nanda e Schridaman.

Nanda e Schridaman nascem e vivem na mesma aldeia — a Bem-estar das Vacas — e a amizade que os estreita chega às raias das promessas de fidelidade eterna na vida e na morte.

Nanda é ferreiro e pastor. Schridaman, um comerciante. Nanda conserva-se como filho do povo e pouco lida com as coisas espirituais. Schridaman lê os Vedas e porta-se como um brâmane. Nanda, 18 anos, é forte e dono de admirável porte atlético. Schridaman é frágil e possui certa adiposidade que chega a formar “um pouco de gordura na barriguinha”, onde riso e pranto se avizinham nas vibrações.

Nanda é rústico. Schridaman domina um linguajar requintado.

Tais diferenças os atraem em fortes laços: “Os dois haviam chegado a ser amigos inseparáveis”.

Um belo dia, em meio ao descanso que ambos empreendiam numa viagem de primavera, surge nua, encantadora e magnética a beleza adorável dos “seios virginais e firmes”, das “exuberantes ná-

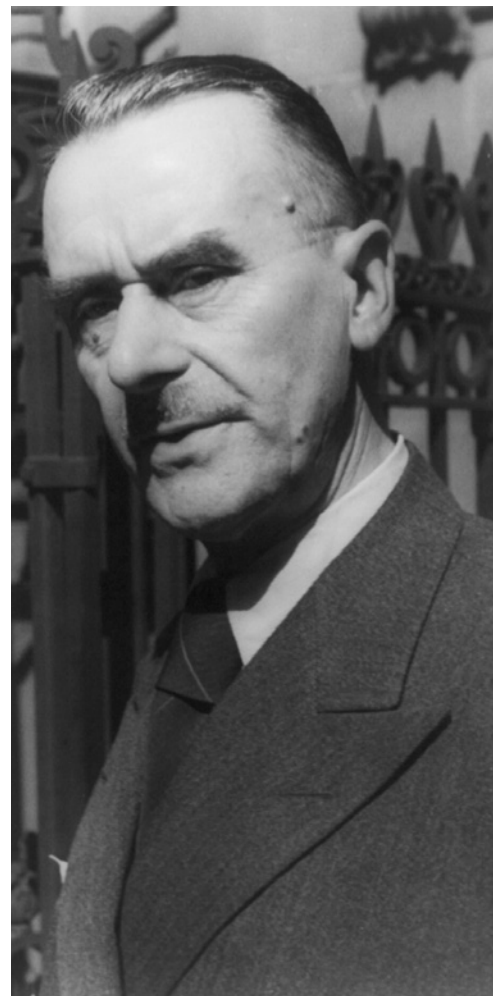


FOTO: CARL VAN VECHTEN/ COLLECTION AT LIBRARY OF CONGRESS

“As cabeças trocadas” traz um Thomas Mann diferente do seu romance de estreia, “Os Buddenbrook: decadência de uma família” (1901)

“É impossível não admirar Thomas Mann (...). Todos o leem, e todos o admiram, do crítico mais exigente até a *girl* mais engraçada.

Otto Maria Carpeaux

degas”, do “fino e gracioso dorso”, das “adoráveis espátulas”, da “tez de bronze dourado”, das “belas cadeiras”, dos olhos grandes e “oblíquos como uma pétala de loto” de Sita, a jovem que cumpria o ritual do banho purificante, antes de adentrar o templo sagrado.

Configura-se o triângulo. Mas, tal como em *Tristão e Isolda*, em *D. Casmurro*, de Machado, ou em *Madame Bovary*, de Flaubert, o triângulo gira e desenha no espaço uma circunferência. Nela, todos os pontos são equidistantes do centro, o diâmetro é sempre o dobro do raio, mas o círculo que deveria abarcar a totalidade levando à harmonia, finda por desintegrá-la em casos e verdade, vontade, desejo. Nada é uno.

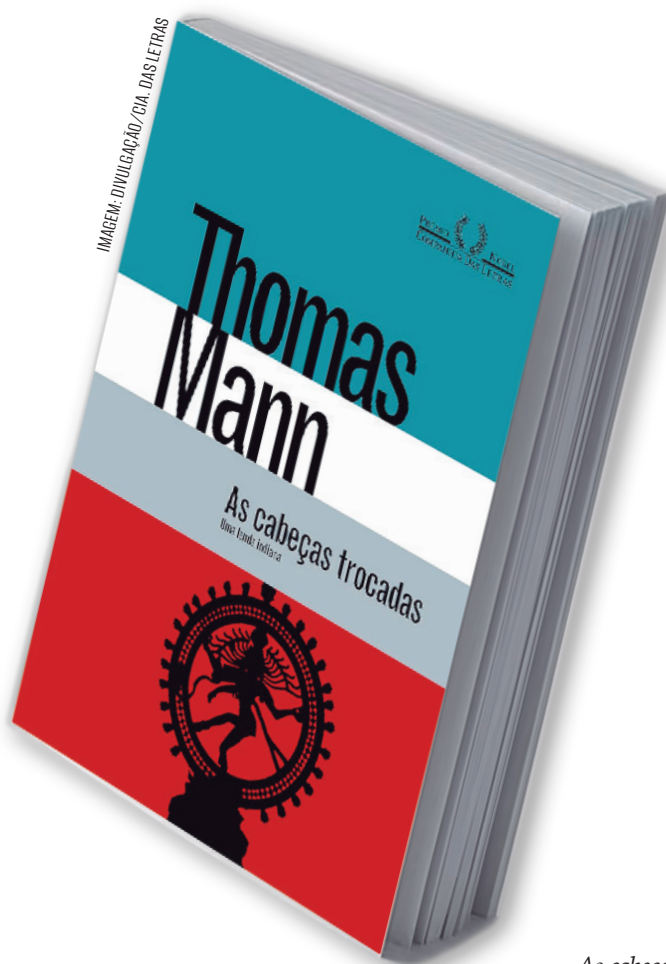
Por quê? Ora, embora o narrador advogue uma terceira pessoa pretensamente impessoal, perfura a narrativa com intromissões oblíquas e irônicas que, na observação de Anatol Rosenfeld acerca de outro romance de Mann, *As confissões de Felix Krull*, o tom irônico da obra potencializa e reflete a dubiedade do personagem repetindo no jogo formal a temática”.

Se tal afirmação é plenamente válida para Felix Krull, pensar em três personagens refletidos e refratados num jogo mais que o corpo/alma, cabeça/coração envolve a dialética da própria civilização e cultura.

Em *As cabeças trocadas*, a Decadência (com D maiúsculo, pois trata-se da decadência em amplos aspectos) é o eixo central de um trio que vive o lirismo e o sofrimento como quem sempre está à beira. Como quem chega ao pote quase vazio levando a esperança em enormes baldes.

Angustiadados face ao amor e à arte, à desilusão e à vida, os três personagens têm seu destino traçado nas linhas iniciais do livro quando o narrador nos alerta para “a firmeza necessária ante uma história de natureza sangrenta e perturbadora”.

O que vem a seguir cabe ao leitor deliciosamente fruir. A nós cabe-nos uma breve observação: ante a linearidade da trama há um perseverante e irônico pacto (diríamos: um puxar de orelhas) do narrador com o ouvinte. Para o narrador, o ouvinte (leitor) é quase sempre displicente, ou ao menos desatento, tomando muitas palavras pelo seu sentido contaminado socialmente. Ou melhor: aceita os clichês sem questionar o signo ideológico que ali adornece.



Apoiada em uma lenda hindu, a novela “As cabeças trocadas” é o retrato de um peculiar triângulo amoroso

Aproveitando o caráter do texto enquanto lenda “que se ouve de alguém”, o narrador, nas delícias das palavras, porta-se entre cerimonioso e poético. Nas descrições de pessoas e sentimentos nos transporta para a leveza das telas de Klint — ou de Renoir.

Mas isto dura apenas instantes, pois lado a lado com a descontração do discurso oral, o texto constrói-se nas malhas de um arguto narrador. Ora assume o ponto de vista de um personagem (Schridaman, por exemplo), ora refugia-se numa longínqua terceira pessoa do singular e ora acoberta-se entre as obliquidades de uma primeira ou terceira pessoa provocando a cumplicidade irônica do leitor (ouvinte).

Camaleônico, ele tece com a linguagem uma túnica falsamente inconsútil.

Não é por acaso que Otto Maria Carpeaux, em seu *A cinza do Purgatório*, afirma: “É impossível não admirar Thomas Mann (...). Todos o leem, e todos o admiram, do crítico mais exigente até a *girl* mais engraçada”. E conclui categórico: “Ele é irresistível”.

As cabeças trocadas, escrito em 1940, é uma ponte oriental na linha de reflexão acerca da incapacidade de viver ante a arrogância das certezas burguesas, totalitárias, ascéticas ou materialistas.

Irônico, Mann nos remete ao conto *As academias de São*, de Machado de Assis, onde nosso grande bruxo processa uma metamorfose nos corpos de dois personagens, mas movido por uma causa bem diversa: a sexualidade das almas (!).

Dialético, Mann dialoga com Nietzsche, Freud, Schopenhauer — e o homem é mais uma vez alçado à condição de pergunta solta no ar.

Desafiante, Mann nos apresenta, por fim, o jovem Samadhi/Andhaka. Samadhi significa “compostura” e Andhaka — que é seu apelido — quer dizer “ceguinho”. Uma compostura cega. Eis a síntese que o narrador nos oferece.

Com o tempo, Andhaka vem a ser preletor do rei. A “compostura cega” é a mãe da vida, da arte, do amor, do poder? Entre questionamentos profundos da vida do homem sobre a terra, *As cabeças cortadas* são, indubitavelmente, um banho sagrado de lição de literatura. Que o leitor não tema este mergulho de dor, prazer, inquietação e gozo.

Amador Ribeiro Neto é poeta, crítico literário e professor titular aposentado da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Mora em João Pessoa (PB).

Guilherme Morais

Inventar outra forma de poesia,
 realocação da artimanha das minhas palavras.
 Em que caiba a tua ambígua geografia,
 Mas nada de flores, nada.
 Que as flores estão todas gastas,
 Todas, em todos os poemas, plantadas.
 Do lício, das margaridas, das rosas e das calçadas.
 Feito incansável flora, ou domesticada fauna.
 Que as flores são flores e isso basta
 Para que os versos cuidem de extinguir suas almas.
 Os poetas lhes dão cores e as mais distintas águas.
 Mandacarus acesos, girassóis das madrugadas.
 Diferentes do teu jeito,
 Que nenhuma palavra encerra,
 Que nenhum poema acaba.



Como se teus poemas tivessem pouca vida,
 Como se teus poemas sumissem ao fim do dia,
 Como se teus poemas se enterrassem juntos às botijas,
 Me confessas que não escreves poesia.

E, no entanto, te vejo poeta, ou poetisa.
 Com versos, que embora soltos, mas versos, eu diria.
 Feitos de tuas palavras de amor,
 E de um calor morno de noite que principia.

Porque as sílabas estão na tua voz
 Antes de descansarem na tua escrita.
 Porque tuas palavras feitas de sonhos
 Sobrevivem ao final do dia.
 E tuas cartas, teus bilhetes e teus segredos
 São poemas invisíveis e não sabias.

O amor é essa cidade em que dormes

a Maysa,

O amor é essa cidade em que dormes,
 Com os meus inúteis planos de fuga,
 Os meus prodígios em desatar tuas costas.
 Com nossos nomes em todas as ruas
 Por mais distantes que se tracem as rotas.

O amor é essa cidade em que dormes.
 Com minhas igrejas de promessas e pedras,
 Nossos pavões a devorar nossas hortas.
 Com nossos jeitos de embaralhar nossas pernas
 E somente nós a conseguir abrir suas portas.

O amor é essa cidade em que escolhes
 Descansar as lamparinas dos teus olhos
 Em mim e nessa manhã que agora nasce,
 Tal qual fosse um capricho dos relógios
 E as manhãs não nascessem em outras cidades.



Guilherme Morais é advogado,
 bacharel em Direito pela
 Universidade Federal da Paraíba
 (UFPB). Natural de João Pessoa,
 ele publicou alguns de seus
 escritos em suplementos literários.





ILUSTRAÇÃO: TÔNIO

Eu e a “Dama das Camélias”

Cláudio Feldman

Especial para o *Correio das Artes*

1

Poucas pessoas de nível mediano desconhecem *A Dama das Camélias*, de Alexandre Dumas Filho, seja em cinema, livro e, principalmente, no palco.

Assisti-a duas vezes no Teatro do Centro, da Metrópole.

Numa delas, ao drama original, sou-me outro, que relatarei a seguir.

Sobre a melhor
Marguerite Gautier,
protagonista da
obra de Alexandre
Dumas Filho, que
pisou um tablado
brasileiro

2

Antes, identifico-me: sou Bráulio Cubas, empresário no ramo de combustível e ex-amador em artes cênicas.

Às vezes uso-as para meus negócios.

Bem, mas voltando ao assunto: Lenita Valverde possuía a mais relevante máscara dramática do Teatro Nacional, premiada em atuações, como *Vestido de Noiva*, de Nelson Rodrigues, *Beata Maria do Egito*, de Rachel de Queiroz, e *Gota D'Água*, de Chico Buarque e Paulo Pontes.

O que nesta máscara impressionava não era apenas o patético, o estilo, a intensidade (todos excepcionais), porém a mobilidade.

A face de Lenita era um teclado humano, com todas as notas, da mais grave à mais aguda, num conjunto como nunca se viu nem há de ver.

Uma fração de segundo lhe bastava para passar da ternura ao ódio, do sonho ao desespero.

Mais que isso: ao mesmo tempo em que assim se transformava, conseguia captar o espírito da época em que a personagem vivia.

No programa de uma das peças que interpretou, *Casa de Bonecas*, de Henrik Ibsen, no papel de Nora Helmer, havia um comentário do crítico Juliano Pimenta que sintetizava Lenita: "Sua máscara era como um barro em que os dedos de um escultor invisível tivessem deixado, segundo por segundo, o estuar de suas paixões".

Com exceção do vocábulo "estuar", realmente anacrônico, uma definição certa.

Onde estes dons mais se sobressaíam era na cena da moribunda *Dama das Camélias*.

As atrizes que a precederam nesta representação morriam de modo banal, com mímica sem sutileza, cheia de gestos, espasmos.

Mas Lenita, mesmo como tuberculosa, falecia diferente, bem longe destas defuntas cênicas.

A eloquência de seu rosto lhe permitia traduzir todas as fases da hora final de uma vida, utilizando somente a fisionomia.

O efeito que isto causava na sala!

Na noite em que estive na plateia, o público fez a Lenita tão ruidosa, tão abaladora ovação que eu temi que os lustres do teatro viessem abaixo!

Ao acabar a representação, nenhum espectador pensou em ir embora, ainda hipnotizado por sua performance.

Um delírio coletivo que exigiu que Lenita, esgotada por sua entrega à personagem, viesse ao proscênio agradecer infinitas vezes, antes que o pano caísse definitivamente.

3

Afastei-me do Brasil por dois anos, devido a negócios com os árabes do petróleo.

Quando voltei, soube que *A Dama das Camélias*, com a notável Lenita, não saía de cartaz.

Fiquei curioso em revê-la, inclusive porque a cidade (e turistas) ainda estavam apaixonadíssimos pela Marguerite Gautier da atriz.

Consegui ingresso de um cambista (na bilheteria, estavam esgotados) e fui ao Teatro do Centro com a melhor das expectativas.

Aos primeiros momentos da peça, já comecei a sentir certa decepção.

Será que os dois anos afastados do Brasil, entre petroleiros, me nublara a sensibilidade de me envolver com Lenita?

O desempenho dela foi indo, algo arrastado, até as proximidades do desfecho.

Ali, no seu *gran finale*, ela não poderia amornar.

Mas as palavras morriam-lhe na garganta, um *rictus* lhe contraía os lábios, apagavam-se-lhe os olhos e sua grande cena não acontecia.

Indignações foram gradativamente se elevando até encher a sala de espetáculos.

Romperam assobios dos camarotes ao chão.

A balbúrdia atingiu de tal modo os responsáveis que eles resolveram descer o pano.

O público, mais indignado ainda, talvez quisesse invadir o palco, quando o ator Petrônio Braga, que interpretava Rodolfo, o amante da cortesã, afastou um dos lados da cortina e disse, transornado:

— Senhores e senhoras, uma horrí--
Mas tremia tanto que teve que parar.
O silêncio, agora, era absoluto.

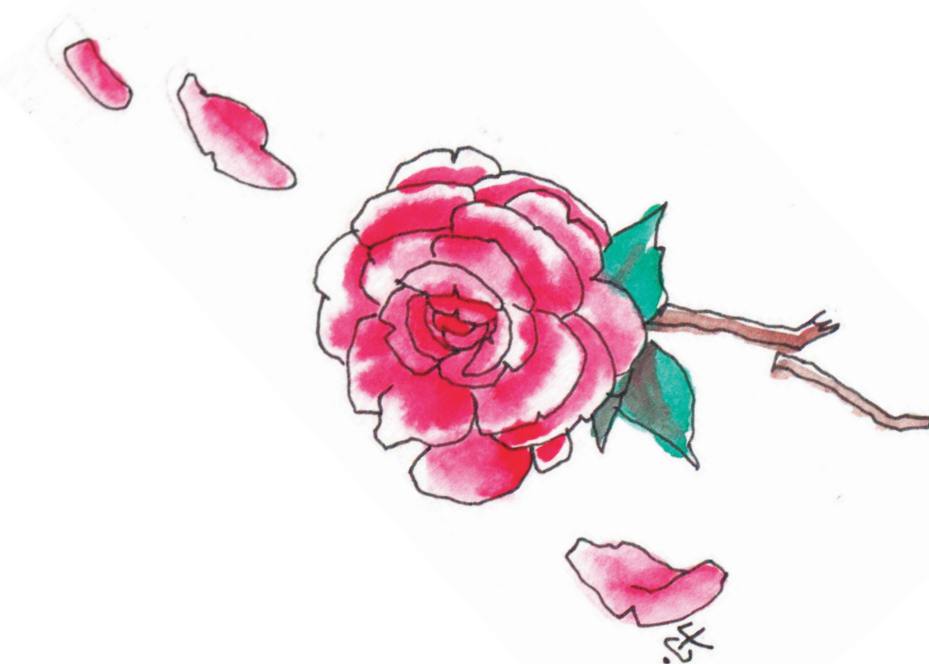
E sobre a multidão imobilizada por uma angustiante espera caíram estas palavras:

— Lenita... morreu em cena!

4

E, com ela, falecia a melhor Marguerite Gautier que pisou um tablado brasileiro.

Menos em sua última apresentação, onde a ênfase foi para sua morte real.



Cláudio Feldman é professor aposentado de Língua & Literatura, autor de 61 livros, o mais recente sendo a antologia 'Mulheres do Escuro' (Editora Taturana, 2024).

O centenário de “Cysnes”

Rau Ferreira

Especial para o *Correio das Artes*

Este ano se comemora o centenário da publicação de *Cysnes*, primeira obra poética de Silvino Olavo da Costa. O maior representante do simbolismo paraibano, segundo os críticos literários, nasceu no município de Esperança, no Agreste da Paraíba, em 27 de julho de 1897. Era filho do coronel Manoel Joaquim Cândido e dona Josefa Martins Costa.

Na juventude, Silvino sofrera um grande golpe do destino: se apaixonou por uma bela moça, filha de um comerciante local. O romance não fora bem aceito pela mãe do poeta. Além disso, seu pai queria que o rapaz seguisse seus passos no comércio e na pecuária. O jovem sonhava com as letras, na “ânsia de querer melhor destino”. A conjugação dessas vontades paternas e seu tenro coração não poderia resultar noutra coisa, senão a fuga do lar.

Assim, foi abrigar-se na casa de sua tia Henriqueta de Souza Maribondo, na capital do estado, e empregou-se na loja de um português, até que tomando ciência o seu pai passou a lhe ajudar financeiramente. Concluídos o ensino médio, prestou exame vestibular e foi cursar o seu bacharelado em Direito, no Rio de Janeiro:

“[...] regresssei do Rio depois de cinco anos de universidade. Trazia eu a alma povoada de sonhos e os ouvidos ressoantes de harmonias novas. Enquanto lutara lá pela vida, pela conquista de uma carta de advogado e pela publicação de alguns poemas tradicionalistas, lutara ele cá pelo pão amargo de todos os dias e pela realização do seu sonho de poeta” (*Criadores e Criaturas: A União*, 1931).

Com o lançamento de *Cysnes* — publicado no Rio — alcançou uma carreira meteórica. Samuel Duarte, comentando a obra, nos diz que: “Os *Cysnes* refletem, por vezes, num só verso, uma filosofia cheia de resignadas indiferenças, talvez desinteressada pelas imperfeições da humanidade” (*A União*: 15/2/1925).



ILUSTRAÇÃO: CARLOS ENIEL

Nascido no Agreste paraibano, Silvino Olavo da Costa foi o maior representante do simbolismo paraibano, segundo os críticos literários

Ex-libris do autor, o compêndio poético abre com uma frase de Alves de Souza (1884-1922): “O sofrimento é a grande serenidade...” e uma citação de Georges Rodenbach (1855-1898):

*Guilandes de la glrie, ah! vaines, toujours vaines!
Mais c'est triste pourtant quando n avait rêvé,
De ne pas trop perir et d'être um peu sauvé
Et de laisser de soi dans les barques humaines.*

Samuel Duarte nos diz que “essa serenidade tornou-o filósofo, gerou-lhe um sentimento único, comunicou-lhe um gosto precioso que o faz fugir ao banal e a tudo que ponha embaraço entre a sua curiosidade de artista e o segredo de suas meditações”. Já para Guilherme de Almeida, “foi ele a gota d’água que produziu a tempestade no copo...”.

Impresso pela Empresa Brasil Editora, o livro possui 167 produções distribuídas sobre essa epígrafe, assim dividido: *Cysnes Fluctuantes* — dedicado a Pereira da Silva, de quem dizia “meu irmão mais velho na mesma dor estética”; *Cysnes Amorosos*, e *Cysnes Agonizantes*, capítulo ofertado a Murilo Araújo, que, para ele, era “o mágico do ritmo”.

Os *Cysnes Amorosos* — como o próprio nome o diz — têm o desenho de dois cisnes entrelaçados, se amando na mansidão do lago. As *Plumas* são plumas mesmo, e simbolizam uma pequena parte deste ser circunspecto e romântico que nomeia o seu livro de estreia.

Em *Cysnes Agonizantes* temos a figura de dois cisnes com as cabeças voltadas para o dorso, se contorcendo de uma dor que mais parece espiritual do que física, de um amor não correspondido quicá. Assim escreve Silvino os versos de *Longe da Vida, Oração do Amor e da Morte, Ícaro* e tantos outros que denotam essa condição peculiar do autor.

A ilustração ficou por conta de Angelus, o pintor que idealizou o salão dos poetas, em 1924, concebeu a capa do livro e interpretou através de seus desenhos a fina estética do autor.

A obra foi bastante aclamada pela crítica da época. Entre eles, apenas para citar: Climério da Fonseca, Tostes Malta, Garcia de Rezende, Osório Duque de Estrada, Adelino Magalhães, Agripino Grieco, Rocha Pombo, Haroldo Daltro, Murilo Araújo, Samuel Duarte e Nosor Sanches.

O último poema — dedica-o ao amigo Dr. João Suassuna, que governou a Parahyba (1924-1928) — reproduzimos a seguir:



Reprodução da capa de “Cysnes”, lançado originalmente em 1924

Ícaro!

*Ao clarão da Esperança, em minh'alma noviça,
minha ilusão brilhou como um solar de rei;
corri, na asa do Sonho, ardente de cobiça,
para a conquista ideal de tudo que sonhei.*

*Que troféu de vitória, a fim, trago da liça
onde — de cruz ao peito e espada à mão — lutei?
— Apenas abroquelo o guante da injustiça
que entre os homens colhi pelo bem que esbanjei.*

*Ah! Ícaro rolando ao vale dos tormentos —
se a tua asa de sonho era assim quebradiça,
por que te arremessaste em voo aos firmamentos?*

*Antes um Cysne fosse! — um cysne de olhos magos;
Nadando, ao lado de outro, em languida preguiça,
na serena quietude estática dos lagos!*

A primeira notícia que se tem do livro foi publicada pelo jornal *Correio da Manhã*, na então capital federal (Rio de Janeiro), em 16 de abril de 1924. O periódico carioca registra que o autor reuniu, sob o título de *Cysnes*, os seus primeiros versos “que denotam a par de uma forma cuidadosa, uma originalidade de feitura, pouco comum nos trovadores que terçam as suas primeiras armas”.

E continua: “Do autor de *Cysnes*, que é moço, podem as nossas letras esperar relevantes serviços”.

Porém, desde o ano anterior já se publicava alguns poemas, talvez preparando o ambiente para a sua chegada.

Na Paraíba, é o Jornal **A União** quem nos apresenta os *Cysnes* e seu autor como sendo um “jovem advogado paraibano e homem de letras dos mais ilustres da moderna geração, que vive na capital do país, assentado destemerosamente os arraiais da sua profissão”, acentuando lhe:

“[...] versos de espiritualidade e de beleza, nos quais o autor já insigne, pela autoridade e refulgência do seu nome, desdobra as bizarras e originalidades da sua estética. [...] É um grande emotivo, que sabe enquadrar no rigorismo parnasiano os *éstos* e as delicadezas da sua inspiração” (**A União**: 22/5/1924).

Por essa mesma época, Adamastor Lima, ao escrever para a revista *Ilustração Moderna*, tece a sua crítica literária de *Cysnes*, expondo a “revelação genuína” do “mavioso poeta paraibano”:

“[...] É que Silvino, como bem poucos, ama a sua terra, a sua gente e vibra com ela nas grandes dores que a golpeiam. [...] Sofre e no sofrimento encontra serenidade, serenidade de águas tranquilas, que escondem formidáveis lutas no amago da terra, o que se não confunde com a estagnação — onde os ideais apodrecem [...]. Silvino vive sob a saudade da terra querida e distante, da terra onde se encontram seu cérebro e seu coração”.

Embora a revista só tenha sido publicada em 5 de julho de 1924, o articulista escreve com data de 27 de abril daquele ano, bem próximo à data do lançamento de *Cysnes*.

Agrippino Grieco, grande crítico nacional, também analisa a obra, tecendo as seguintes considerações:

“[...] o Sr. Silvino Olavo (*Cysnes*) é digno de leitura. Poucos artistas da sua geração estream do modo tão brilhante. Com o fio das suas lembranças, tece ele lindas narrações romanescas. Descrevendo a paisagem, não é um simples imitador, mas um feliz intérprete da natureza. Tratando do amor, não desce nunca à abdicação moral, através de um carnalismo vermelho. Há proibidade na sua inteligência e sua alma de sertanejo saberá sempre evitar a deformação de sentimentos tão comum nas grandes cidades. Esse poeta honesto e sóbrio não tem fome de aplausos e bem sabe que basta a autoria de um belo verso para consolar-nos de tudo” (*O Jornal*. Ano VI, nº 1.809).

Também, Nosor Sanches, assim se expressa:

“Cada verso é um *cysne* que vai cantar. Cada poema, um plácido lago onde vagam, tristes e românticos, os *Cysnes do Amor*, da *Ilusão*, do *Sofrimento*, da *Agonia*... *Cysnes* que não cantam, mas choram...

Num enlevamento terno e sentimental, Silvino Olavo, a par de uma filosofia triste, engasta nos seus poemas a pérola da saudade dolorosa.

Versos cheios de profunda melancolia, encerram toda uma história amorosa, que brilhou como estrelas no passado, e agora é apenas a mansuetude de uma alameda, onde um lago, eternamente olhando o céu, estático, oferece ao mesmo céu o *peplum*

de arminho e seda de um *cysne* muito branco e muito triste. [...] Esteta da Beleza, de uma sensibilidade comovida, Silvino Olavo é o trovador das horas de nostalgia, quando os *cysnes* vão empalidecendo, vão desaparecendo... É o sonhador que ama, venerando o seu amor no altar da suprema beleza, emaranhado na teia muito alva da felicidade, entre luzes de estrelas em delíquios...” (*A Rua*, Rio de Janeiro: 26/5/1924).

E completa a crítica de Terra de Sena: “O Sr. Silvino Olavo possui igualmente aquilo que os bons poetas não dispensam: sensibilidade” (*D. Quixote*, Rio de Janeiro, Ano VIII, nº 371).

Dentre os muitos que analisaram-lhe a obra, no seu nascedouro, poderíamos ainda citar: Hugo Auler, Cláudio Manoel Carvalho, Alexandre Passos, Garcia Rezende, Osório Duque Estrada, Hermes Fontes, A. J. Pereira da Silva, José Vieira, Oscar Lopes, Adelino Magalhães, Henrique Pongetti, Clímério da Fonseca, Rocha Pombo, Rodrigo Otávio, Rodrigues Carvalho, Murilo Araújo, Haroldo Daltro, Pádua de Almeida, João da Mata, Samuel Duarte, Eudes Barros, Rubey Wanderley, Perillo Doliveira, Oris Fernandes Barbosa e Antônio Fasanaro.

Ainda os periódicos: *Gazeta de Notícias*, *Correio da Manhã*, *O Brasil*, *A Nação*, *Estado do Rio*, *Fon-Fon*, *Para Todos*, *Frou-Frou*, *A Esphera*, *Ideia Ilustrada*, *Revista Phoenix*, *Brasil Social*, *Revista Souza Cruz* e *A Gazeta*.

Silvino dedicou algumas edições carinhosamente. A primeira da qual temos conhecimento é aquela dedicada aos pais (*Cérebro e Coração*), mas há também dedicatórias a Rivadávia Correa, Maria Alexandrina, Abner Mourão, Santos Neto e Murilo Araújo.

O livro *Cysnes* traz uma série de dedicções particulares. Na abertura dos capítulos, homenageia a amigos, poetas e intelectuais de seu tempo.

No fim da obra, surge o inusitado: a figura de dois cisnes se encontra defronte a um lírio e formam um belíssimo coração. Aquele amor inconciliável da juventude descansa numa seara possível: o lago dos versos, onde podem, enfim, desfrutar de todo o sentimento.

Rau Ferreira é membro da Academia de Letras de Campina Grande (ALCG), atual ocupante da cadeira 35, que tem por patrono Silvino Olavo.



Ilustração que aparece no fim da obra: a figura de dois cisnes que se encontram defronte a um lírio e formam um coração

Uma obra de denúncia e reflexão

Ronaldo Cagiano

Especial para o *Correio das Artes*

Embora o título do novo livro de Tito Leite, *Jenipapo Western* (Editora Todavia, 2024), remeta à clássica ideia dos faroestes do Velho Oeste norte-americano transplantado para a aridez do Nordeste brasileiro, trata-se de uma obra que transcende esse estereótipo para realizar uma imersão nas razões histórico-sociológicas, que forjam a natureza e a mitologia de uma cidade. Ali, onde a força intransponível das circunstâncias opressivas prevalece e compõe a ordem de um lugar sem lei, tem no seu DNA as disputas políticas, os interesses econômicos e revanches familiares e os desencontros afetivos — caldo de uma cultura pernóstica que delimita o medievalismo das relações.

Os gêmeos Sandro e Ivanildo metáforizam esse tempo e esse lugar, numa Jenipapo conflagrada pelo acirramento de tensões que atravessam gerações,

onde a lavoura de algodão é vocação comercial da região, cultura que se firmou com base na exploração da mão de obra por coronéis que se impuseram pela violência e que tem no poderoso Roberto, a mão de ferro que conduz os negócios, o destino dos trabalhadores e influencia a vida da cidade, acobertado por jagunços, que espalham o terror contra quem ousa afrontar ou não se submeter a esse patronato espoliador e sem escrúpulos.

Tito Leite conduz o romance num viés narrativo que empresta frescor poético à linguagem que espelha a crueza e a dura realidade de Jenipapo e de seus habitantes afetados econômica, psicológica e emocionalmente por um sistema de dependência e cativeiro, nos moldes do velho cangaço. Quando poucos ousam peitar as injustiças e a brutalidade, à exceção de Ivanildo, alcunhado como “o sonhador”, e que, a duras penas, tenta rebelar-se solitariamente contra o domínio ditatorial de Roberto, este prepara tocaia para atentar contra a vida daquele desafeto, mas é o seu irmão Sandro, sempre passivo e acovardado diante da

força totalitária, que atormenta Jenipapo, quem vai ser atingido e perder a vida.

Numa sequência de vinganças e violências, a histó-

ria de Jenipapo vai sendo escrita com sangue e lágrimas, um espectro que se repete em muitas regiões do país, onde os conflitos de classes, o latifúndio e as desigualdades constituem uma geografia de confrontos, aviltamento da vida e do açodamento da barbárie. E o autor soube dosar a pílula sem dourá-la, ao repercutir esse universo nebuloso, com suas diatribes e idiosincrasias, amalgamando essa escrita densa e intensa com a devida pulsão reflexiva e influxos filosóficos sobre esse ambiente de contradições e dilemas, sem cair na tentação da caricatura e do reducionismo — lembrando-nos o que já escreveram Machado de Assis, em *Dom Casmurro* (“Só há um modo de escrever a própria essência, é contá-la, o bem e o mal”), e Paul Auster (“Um escritor só pode ser bom se tiver a honestidade de ir ao fundo, ao céu, ao inferno, doa o doer”).

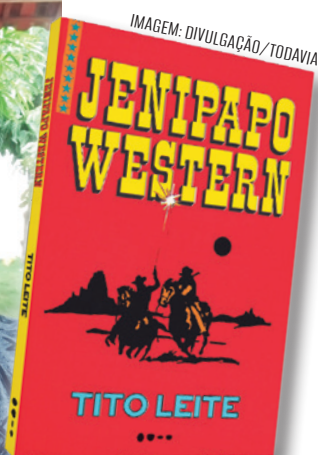
Como já percebido em seus livros anteriores, a exemplo do romance *Dilúvio das almas* (Todavia, 2022), como também perpassa toda a sua produção poética, Tito Leite é um exímio e seguro auscultador dos abismos sociais e humanos, um ourives da palavra. Entre o lirismo e a escatologia, na contramão da corrente requentada do identitarismo, das pautas e militâncias que dominam a literatura brasileira contemporânea, estamos diante de uma prosa com requintes estilísticos, mas acutilante em sua proposta de denúncia e reflexão sobre um Brasil que ainda preserva anacrônicos valores e modos de convivência e dominação.

O autor areja e traz vitalidade ao cenário ficcional, ao esboçar personagens marcantes e viscerais, a partir de seu testemunho existencial, explorando os mais recônditos territórios que compõem o imaginário e o inconsciente pessoal e coletivo, na linha do que fizeram um Graciliano Ramos, um José Lins do Rego, uma Rachel de Queiroz e um Ariano Suassuna, que captaram não só o cáustico, mas também a humanidade desses viventes e sertões castigados pelo destino e sempre à margem da civilização, o que empresta à sua arte o mais amplo e genuíno sentido de universalidade.

Ronaldo Cagiano é escritor brasileiro, autor, dentre outros, de ‘Eles não moram mais aqui’ (Prêmio Jabuti, 2016) e vive em Portugal.



FOTO: ARQUIVO PESSOAL



‘Jenipapo Western’, de Tito Leite, transcende o estereótipo para realizar uma imersão nas razões histórico-sociológicas que forjam a natureza e a mitologia de uma cidade

Augusto dos Anjos revisitado

Clemente Rosas

Especial para o *Correio das Artes*

Quem mais, senão Augusto dos Anjos, poderia servir de inspiração ao presente texto? O consagrado “Paraibano do Século”, ao longo dos anos, tem sido reexaminado, explorado, exaltado por todos os grandes críticos literários nacionais, de José Guilherme Merquior a Paulo Rónai, de Ferreira Gullar a Oto Maria Carpeaux. O *Correio das Artes*, suplemento cultural do Jornal **A União**, a pretexto de rememorar os 140 anos do nascimento do poeta, vem de estampar longa reportagem, anunciando inclusive uma edição em braile do *Eu*, que, quase ignorado em sua primeira edição, de 1912, já mereceu, acrescido de *Outras Poesias*, dezenas de reedições.

Mas há sempre o que se descobrir ou “garimpar” na obra originalíssima do “Doutor Tristeza”, apesar de sua morte tão prematura,

longe de sua pátria paraibana, na fria cidade de Leopoldina, Minas Gerais. E o autor destas linhas tem razões, diria, emocionais ou pessoais, para oferecer modesta contribuição, em complemento aos variados enfoques das autoridades intelectuais ouvidas na reportagem, a quem desde já presto minhas reverências.

Aí pelos 12 ou 13 anos, estudante ginásiano, quando “cometi” meus dois primeiros sonetos, meu pai me deu de presente o livro *Eu*

e *Outras Poesias*, 19ª edição da Gráfica Tupy Limitada, sem indicação de data, mas, pelo registro de um dos textos introdutórios, posterior a agosto de 1928. E já tive então o primeiro deslumbramento: o texto *Elogio de Augusto dos Anjos*, de Órris Soares, tio-avô do humorista Jô Soares, o amigo que redescobriu o poeta e o lançou nacionalmente, foi escrito, em dezembro de 1919, como lá está registrado, na Praia Formosa, a minha querência, refúgio temporário de tantos intelectuais.

Lendo o livro, pouco entendi dos poemas longos, e mesmo de alguns curtos, mas a musicalidade e um certo tom coloquial dos versos me fez memorizar, até hoje, sem esforço, uma dúzia de seus sonetos. Esse tom coloquial, sobre que voltarei a falar mais tarde, me parece ser o segredo da familiaridade do poeta com o “povão”, que com ele se identifica, mesmo não entendendo, em parte, a sua fala complicada de “doutor”.

O segundo deslumbramento vim a ter bem depois, ao ter conhecimento do livro do historiador Humberto Nóbrega, *Augusto dos Anjos e sua Época*, quando ele desencava sonetos do autor, nos seus verdes anos, publicados no jornalzinho da tradicional Festa das Neves, em louvor de “beldades” paraibanas. Entre elas estão Helena Camará, que foi depois a segunda esposa do meu avô paterno, Mateus Gomes Ribeiro, e Celina Rosas, a Tia Nenen, irmã do meu avô materno, Clemente Clementino Carneiro da Cunha Rosas. As fotos das homenageadas, mesmo com os parcos recursos da fotografia na época, podem atestar o seu merecimento.

Augusto dos Anjos viveu numa época de transição entre as correntes literárias do parnasianismo e do simbolismo, mas não se pode enquadrar em nenhuma delas. Os parnasianos o criticaram, por questões formais – algumas elisões forçadas, raras rimas imperfeitas, que

ILUSTRAÇÕES: REPRODUÇÃO



não comprometiam a cadência dos versos – sem dar-se conta da força poética das suas imagens. Um crítico chegou a falar em “uma alma atormentada de filósofo num corpo de poeta”. E consta que Olavo Bilac, ao saber da sua morte, teria comentado que não haveria perda para a poesia.

Os simbolistas, por sua vez, com sua obsessão pela sonoridade das palavras (*de la musique, avant toute chose*) ficaram longe dele. Cruz e Souza, o afrodescendente que tinha a obsessão do branco (ó formas alvas, brancas, formas claras / de luares, de neves, de neblinas), e Alphonsus de Guimaraens, com a loucura comovente da sua *Ismália*, nada tinham a ver com a poética de Augusto. Aliás, o simbolismo teve pouca expressão em nosso país.

Editando, por sua própria conta, seu livro, vivendo pobremente como professor particular, desconhecido e desprestigiado, e ainda de saúde precária, não podia o autor do *Eu* ter outro aspecto, nem deixar de refletir sua amargura e seu desencanto pela vida e pelos semelhantes em seu fazer poético. Assim o descreveu seu biógrafo e apresentador Órris Soares: “magro, faces reentrantes, olhos fundos, olheiras violáceas, testa descalvada”. Um “pássaro molhado, todo encolhido nas asas, com medo da chuva”.

Certamente, assim não era ele quando, no foco do historiador Humberto Nóbrega, tecia louvores às “moças em flor” da sociedade pessoense. A falência do engenho do pai, a vida na pobreza – apesar do título de bacharel em Direito e a vasta cultura científica e filosófica – o não reconhecimento do seu valor pelos semelhantes, moldaram o espírito do autor de *Versos Íntimos*. Quem avalia esta interpretação não é outro senão o velho José Américo de Almeida, seu contemporâneo. E a revolta contra a sociedade burguesa parece ter-se estendido à própria família, que impediu, até hoje, a remoção dos seus restos mortais para o seu estado natal.

Ao aceitar, por extrema necessidade, o humilde posto de diretor de um Grupo Escolar em Leopoldina, Minas Gerais, e lá morrer de pneumonia poucos meses depois, o nosso poeta legou à fria cidade mineira a honra de abrigar os seus despojos.

Mas volto agora à questão do coloquialismo na poesia “augustiana,” razão, no meu modesto entender, da sua popularidade até hoje. Superlativos



Acima e na página anterior (abaixo), matéria e a capa da edição do “Correio das Artes” (março de 2024) sobre os 140 anos do nascimento do poeta paraibano Augusto dos Anjos

absolutos, expressões científicas pouco conhecidas não descaracterizam a familiaridade destes versos:

*Tome, doutor, esta tesoura e corte
Minha singularíssima pessoa.
Que importa a mim que a bicharia roa
Todo o meu coração depois da morte?*

Ah, um urubu pousou na minha sorte!

Ou estes:

*É a transubstanciação de instintos rudes
Imponderabilíssima e impalpável
Que anda acima da carne miserável
Como anda a garça acima dos açudes*

Qual poeta parnasiano, ou mesmo simbolista, falaria, num poema, em açudes, realidade tão nordestina e tão popular?

É este, associado à musicalidade dos seus versos, o segredo da merecida fama do paraibano do século 20.

Mas me resta ainda abordar um tema que mereceu a tese de mestrado de uma professora da Universidade Federal de Juiz de Fora, Márcia Peters Sabino, e que me chegou às mãos e não foi explorado na rica reportagem do *Correio das Artes*: *Augusto dos Anjos e a Poesia Científica*. É verdade: existiu uma “onda”, mal concebida, de “poetizar cientificamente”, enchendo os versos de palavras e preceitos da ciência, numa total incompreensão da natureza

afetiva da arte, divergente, como é, dos puros exercícios da razão.

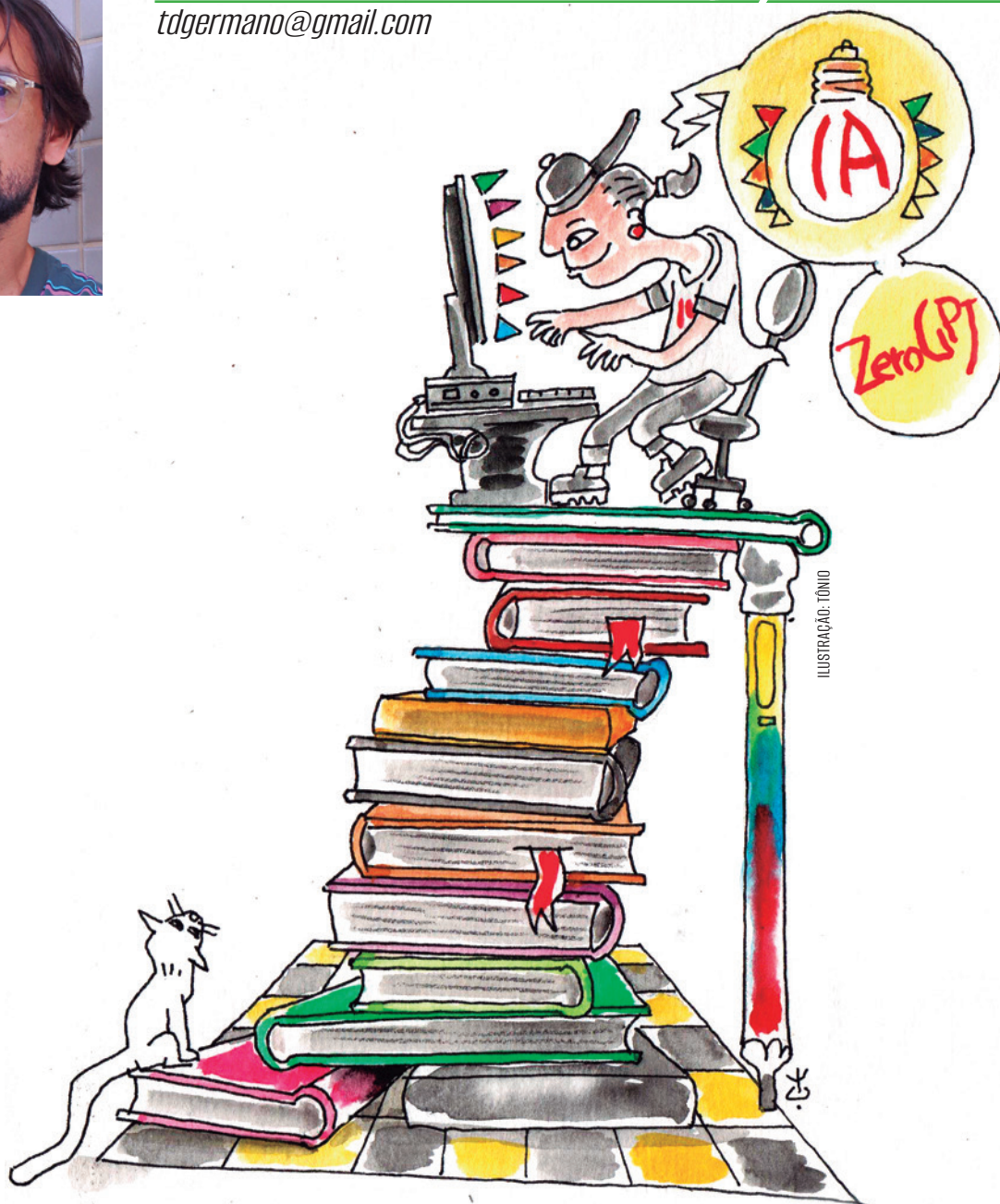
A “onda” teve seus próceres e seus técnicos, sobretudo da chamada “Escola do Recife”, com Martins Júnior, Rocha Lima, Tobias Barreto e Sílvio Romero, mas também com supostos antecedentes. O positivismo de Augusto Comte e as ideias de Haeckel e Darwin também tiveram a ver com o caso. E na Antiguidade, imaginaram precursores em Lucrécio (*De Rerum Natura*), em Horácio (*Ars Poetica*) e Ovídio (*Ars Amandi*). Afirmações como a de Spencer (“Não só a ciência serve de base à escultura, à pintura, à música e à poesia, como também a ciência é, por si mesma, poesia”) ou de Zola (“A grande poesia deste século é a ciência, com seu transbordamento maravilhoso de descobertas”), mal compreendidas, serviam de base à novidade. E haja, goela abaixo dos leitores, versos “científicos”, sem qualquer dimensão poética.

Nosso poeta deve ter sofrido tal influência. Mas, como era de esperar, todos esses “inovadores” estão hoje esquecidos, com a exceção de Tobias Barreto, mais filósofo que “científico”, e Sílvio Romero, como historiador. E Augusto sobreviveu, revelando-se a cada dia mais pujante. Porque era um verdadeiro poeta, trágico ou lírico, sombrio ou iluminado, e soube preservar, acima do cientificismo, o halo, o enlevo, o mistério, o deslumbramento da poesia.

Clemente Rosas Ribeiro integrou o grupo de poetas conhecido como “Geração 59”. Publicou ‘Praia do Flamengo, 132’, ‘Coco de roda’, ‘Administração & Planejamento’, ‘Lira dos Anos Dourados’ e ‘Sonata de Outono’. Mora em Praia Formosa, Cabedelo (PB).



Tiago Germano
tdgermano@gmail.com



Inteligências artificiais

Escrevi recentemente, em minha coluna no Jornal **A União**, sobre os desafios que a inteligência artificial (IA) tem imposto para as bancas avaliadoras de concursos literários. Recorrendo a sites de verificação do uso das IAs, em textos submetidos aos júris dos quais venho participando, vez por outra detectamos a suposta intervenção da nova tecnologia, o que nos coloca (a nós, que estamos na posição de julgar as obras) diante de um dilema: classificar ou desclassificar tais textos?

A questão seria simples se os sites de verificação fossem 100 por cento confiáveis, mas eles não são: ora podem gerar falsos positivos (classificando conteúdo humano como gerado por IA), ora falsos negativos (não identificando em absoluto o conteúdo gerado por IA). Isso é tão verdadeiro que parte deste texto que você, leitor ou leitora, está lendo agora, foi escrito pelo

ChatGPT obedecendo comandos simples que eu mesmo forneci. E me desculpe por burlar a sua confiança na premissa de que eu sou o autor exclusivo destas linhas, mas, se serve de consolo, eu também enganei o ZeroGPT, uma das ferramentas de detecção de IA mais famosas e disseminadas.

Tendo coordenado, por exemplo, uma banca cujo edital não previa o anonimato (nos dando, portanto, o acesso à autoria dos textos e à identidade de seus autores), a detecção do uso de IA nos fez seguir um protocolo inusitado: encontrar na internet outros textos do candidato e fazer um trabalho de literatura comparada, quase de linguística forense, muito similar ao que rege o próprio algoritmo, mapeando padrões de linguagem e marcas que estilo que podiam indicar a autenticidade ou a falsificação da peça literária (repleta de características também presentes

nos textos produzidos pelo ChatGPT, como certas expressões vagas e algumas muletas muito presentes na sintaxe de escritores neófitos, como as repetições, o excesso de adjetivação e o emprego dos lugares comuns).

A reação mais coerente seria desclassificar tais candidaturas logo de cara: ainda que originais, esses textos não preenchiam os requisitos mínimos exigidos pelo edital, que como outros de sua natureza se deixava guiar, sobretudo, pelo “mérito artístico”, praticamente ausente em escritos superficiais ou repletos de clichês. Mas esse é um parâmetro de apreciação um tanto subjetivo, depende muito do olhar que está sendo depositado sobre a produção, e num recurso encaminhado a uma das bancas examinadoras, que se valia justamente de tal argumento, tivemos a oportunidade de comprovar algo interessante: o jargão utilizado na redação do recurso era bastante similar ao do texto desclassificado, o que nos fez concluir ou que seu autor, de fato, escrevia num padrão semelhante ao da inteligência artificial, ou que ele também utilizou o ChatGPT para redigir o recurso (o que não é muito improvável, se você for parar para analisar).

Desde o advento da tecnologia, tenho enfrentado muitas situações parecidas. Numa sala de aula repleta de estudantes dotados de computadores pessoais com acesso à internet, comecei a desconfiar da mão invisível do ChatGPT em criações que eu julgava muito além do domínio técnico de um ou outro estudante, embora elas ainda padecessem daquelas fragilidades específicas que já indiquei aqui, como os adjetivos pomposos adornando frases pouco inventivas, uma mistificação que quase todo escritor já emulou no início de sua carreira. Eram, de fato, frutos da árvore proibida do ChatGPT, cujo acesso eu só autorizava como pontos de partida para os rudimentos de uma ideia ou para correção final dos textos, no intuito de não encarar a tecnologia como uma inimiga, mas como uma aliada. Só que o estudante em questão teve a pachorra de subverter a proposta e fazer o caminho inverso: copiar toda a ficção criada pelo site e inserir erros intencionais de ortografia, desvios propositais da gramática, para mascarar a sua trapaça.

Você pode argumentar que, tentando “inspirar” os estudantes introduzindo o instrumento da IA, didatizando seu uso como alternativa à revisão de seus pares, eu estaria, na verdade, os incen-

tivando à fraude. Que nada disso aconteceria antes (mesmo quando tínhamos enciclopédias e os dadaístas fizeram o que fizeram com suas tirinhas de papel). Que nada como o lápis e o papel para remediar quiproquós como esse, mas não me entendam mal: em tempos analógicos também tive a desventura de me deparar com esse tipo de coisa.

Numa oficina de criação literária numa livraria, muito antes de se falar em inteligências artificiais e começar a se discutir seus desdobramentos nos processos artísticos, propus um exercício de escrita livre e, entre os esboços que costumam surgir depois dessas abordagens, uma pérola literária se apresentou na forma de uma narrativa breve sobre uma mulher que, perturbada com a mania do marido de mascar chicletes, um dia se cansa e dá dois tiros na cabeça do sujeito, enquanto ele fazia uma bola de goma, sentado no sofá da sala.

Aquilo me parecia ligeiramente familiar. Lembrando que a participante da oficina tinha se apresentado como atriz, interessada na escrita ficcional para melhorar sua capacidade de improvisação ou algo do gênero, procurei seu perfil no Instagram e constatei que ela estava no elenco de uma produção amadora do musical *Chicago*. Ao digitar no Google a palavra “chiclete” associada ao nome do espetáculo... Pop! Encontrei o “Tango

do presídio” e a narrativa de Bernie, aquele esposo que a atriz tinha batizado com um abrigado “Bernardo” para disfarçar antes de estourar seus miolos, na minha oficina.

Escrevi para a atriz e alertei sobre o plágio, que ela definiu como um inocente reflexo das falas que decorou para sua personagem em cena, a única coisa que lhe veio à cabeça quando propus o exercício. Achei triste, patético até, mas fiquei satisfeito por ter manifestado meu ceticismo em sala dizendo que a passagem “me lembrava alguma coisa”, por ter confiado no instinto e ido buscar a referência original.

A inteligência artificial já não nos permite o acesso a essa fonte. Suas águas são mais turvas e mais móveis, razão pela qual o plágio ainda é um problema grave (lembrando sempre que se trata de um crime previsto no Código Penal), mas infinitamente menor diante das preocupações que a IA tem trazido com as infinitas possibilidades que ela oferece, de incorporação ao fazer literário.

A ficção em torno da ficção nunca foi tão sofisticada, e se ela não chega a nos assustar como ficcionistas ela não pode nos assustar tanto como pessoas: discuti-la é um passo para compreendê-la ou mesmo antecipá-la, isso que fez os melhores e mais ousados entre nós, nas páginas mais visionárias de seus livros.



ILUSTRAÇÃO: TÔNIO

Tiago Germano é autor do romance ‘O que pesa no Norte’ (Moinhos, 2023), obra semifinalista do Prêmio Oceanos, e foi indicado ao Jabuti pelas crônicas de ‘Demônios domésticos’ (Le Chien, 2017). É professor de Escrita Criativa e cofundador da editora independente Matria. Mora em João Pessoa (PB).

ILUSTRAÇÃO: TÔNIO



Nunca mais vi Alice

Ozias Filho

Especial para o *Correio das Artes*

o que guardo no coração? / o poema que fiz para Alice /
o poema que entreguei para Alice à porta do bar na Rua Farani /
o beijo na boca que ganhei de Alice por causa do poema (...)*

Nunca mais vi Alice, após aquele beijo cinematográfico e irreal à porta do bar da Rua Farani, em Botafogo. Alice era aluna do primeiro ano de Jornalismo da Faculdade Hélio Alonso, onde morei, oficialmente, alguns dos meus melhores anos de sempre. Daquele beijo resta o doce sabor, o fragmento que se esconde na parte mais esquecida da memória, e que só vem ao de cima quando o corpo e o ânimo estão em decadência. Resta um pouco de Alice no meu cofre, no poema que encerra um código de acesso ao passado, mas que torna real todos os fantasmas no exato momento em que os ressuscitamos. Alice simplesmente desapareceu depois daquele beijo. Nunca mais vi Alice.

Nunca mais vi Rosane, o meu primeiro grande amor de faculdade, a primeira namorada. O amor neste tempo era algo inconsequente, infantil, volúvel como todos os cheiros acabados de sair da adolescência. Por ela, cheguei a sonhar, sentia-me grande, muito maior do que aquilo que eu e as minhas competências podiam oferecer e não ofereceram. O namoro acabou, uma tristeza profunda adveio e um primeiro desgosto de amor instalou-se até ao aparecimento de um outro grande amor... a senhorita M., a senhorita T., a senhorita R. (que não se chamava Rosane) e, algumas senhoritas depois... Leonor, aquela que prendeu o meu coração até aos dias de hoje, e que era aluna de outra universidade.

Nunca mais vi os meus parceiros de cineclube, o Alberto R., o Cal G. e o Marcelo A., que morreu de Aids e que levou com ele um bocadinho da juventude de cada um de nós. Bons tempos das sextas-feiras à noite, com cada sessão de cinema a arrebentar pelas costuras de tão cheia que ficava a sala de projeção; tempos de atritos com a direção da faculdade, pois cada sessão era acompanhada pela deliciosa maresia da maconha que inebriava o recinto.

As vozes da delação bateram com a língua aos ouvidos da direção, que não gostou das boas-novas, e ameaçou retirar o espaço onde decorriam as sessões do Cineclube Limite (que depois virou Z). Nós, dirigentes idealistas do cineclube ripostamos, contrapondo que a universidade era um espaço de liberdade e de experimentação. A faculdade manteve-se irredutível. Nós, organizamos um debate no auditório, sobre a liberdade de algumas drogas na faculdade. Os alunos, professores, curiosos, maconheiros e outras tribos marcaram presença e, no final, o bom senso (a lei) da maioria levou a melhor: sessão de cinema sem maconha: 227, sessão de cinema com maconha: 198 (números fictícios, ora pois). Atritos à parte, a lembrança mais nostálgica que guardo desses dias é a de ver a minha película preferida, *Blade Runner* (que já assisti 34 vezes no cinema ao longo da minha vida), envolta num fumacê da erva maldita; mesmo quem não fosse adepto desse desporto, ficava algo alucinado só pela densidade do fumo, que emprestava a qualquer filme projetado uma aura de glamour.

Nunca mais vi o meu amigo Ricardo, a primeira e única pessoa na faculdade com quem saí na porrada; logo eu, com este corpo de jogador de baralho e, o outro, um armário de porta aberta de frente para mim. É uma das recordações que guardo com algum carinho, pelo inusitado da situação; afinal nunca fui apologista da violência e não sou o típico macho-alfa que anda solto pelas ruas, com vontade de bater em toda gente. Mas vejamos este pequeno episódio caricato da minha trajetória universitária.

Era uma vez um rapaz (eu), 22 anos de puro idealismo (eu), que, apesar de tímido (eu), era muito popular na faculdade e que, um belo dia, sente-se observado, ostensivamente, por um outro rapaz que, não sendo gay (como eu), andava sempre acompanhado de

outros rapazes com tomates cheios (expressão portuguesa que pode traduzir-se por um período de abstinência sexual ou na linguagem popular masculina “homens com falta de mulher”) prontos para o jogo de futebol (como convém nos locais onde se educam as pessoas). Este olhar inquiridor, logo ganhou ares de intimidação, seguido de provocação, desafios gestuais e risadinhas grupais.

Mas como todo o medo tem o limite do nosso amor próprio, o jogador de baralho (eu), franzino (eu), ganhou coragem e mandou-lhe o seguinte petardo: — tu és muito bonito cara (nesses anos ainda estavam em uso esta expressão), deves fazer imenso sucesso com as mulheres e, por isso, estás sempre acompanhado por esses homens todos.

E enquanto eu falava, as minhas pernas deixavam o seu estado de letargia para trás e seguiram na direção do meu inimigo das últimas semanas... das pernas brotaram mãos e das mãos socos, pontapés e escoriações nos dois lados da barricada; logo apareceu o pessoal do “deixa disso” e, separados pela segurança da faculdade, cada um seguiu para o seu lado com as verdades repostas no seu devido lugar; eu, com a certeza triunfante de ser campeão de nenhuma coisa e ele, na altivez do campeão de coisa nenhuma. Certo dia, um amigo me disse que dois homens só se respeitam de fato quando saem na porrada um com o outro. Apesar de não concordar com essa filosofia da testosterona, neste caso específico o que aconteceu foi que, passado muito pouco tempo, eu e o Ricardo estávamos bebendo umas cervejas na Rua Farani e, detalhe, nunca falamos sobre o ocorrido.

Nunca mais vi Flávio, colega de turma e de biritas. Nunca mais o ouvi dizer: “Brizola mandou tratar o bandido por cidadão”. Parecia um disco arranhado, estava sempre a repetir a mesma ladainha; mas era um bom diabo e juntos percorremos — à caça das mulheres, do paraíso e da perdição — muitos bares, pulgueiros, espeluncas de final de noite, e forró em São Conrado, Catete ou na Zona Central do Rio de Janeiro. Não havia bar (ou algo que se

parecesse com um) que não conhecêssemos; do Leblon à Zona Norte, tudo era passado a pente-fino pelo nosso escrutínio e, o final, quase sempre era o mesmo: nenhum glamour, ou gente bonita, e a companhia do angu do Gomes, na Praça XV, no Centro da cidade, às quatro da matina. Até hoje ainda estou para perceber porque nunca tive uma intoxicação alimentar por ter comido aquela iguaria, ao final de cada noite bem regada. Tempos bem vividos do sexo puro e sem espinhas, muito mais do que o *rock and roll* ou as drogas; tempos em que inventaram a danada da Aids, e as camisinhas passaram a estar em todas as carteiras, porta-luvas ou no bolso de trás das calças *jeans* surradas e quase sem nenhum índigo.

Nunca mais vi Irapoã e a sua alegria que invadiam qualquer espaço por onde passava. Nunca mais ouvi aquela voz cristalina que cantava “Nascente”, na sua interpretação a imitar à do grupo 14 Bis, e emocionava todos à sua volta. Nunca mais vi o amigo que sofreu um acidente de bicicleta, ficou paralisado e aflorou o pior de nós mesmos: a impotência e o egoísmo.

Nunca mais vi o olhar maternal de Louise, o sorriso espaçoso de Mariângela, a língua afiada de Janete, a beleza índia de Liliana, a doçura da Patrícia T., a voz aguda de Claudinha. Nunca mais vi os meus amigos de faculdade. Nunca mais me olhei naquele espelho.

Nunca mais vi aquele Ozias dos tempos de faculdade; tão completo, tão sem amarras, utópico, sonhador sem limites. Mas, hoje, também sou um bocadinho daquele Ozias que fui; a diferença reside na capa de maturidade que temos de vestir para parecermos homens sérios e de respeito. Por isso sou feliz, mas fragmentado. Uma colcha de retalhos que muda conforme a cor de cada trapo, mas que visto de longe não deixa de ser agradável aos olhos. De perto, lá estão as mazelas dos anos em cada costura, em cada dobra. Mas sou feliz, por ter tido a possibilidade de viver aqueles anos; sou feliz porque também sou o somatório desses anos de ouro, e que eles estarão sempre vivos em todas as vezes que eu os nomear.

(*) Extrato do poema *Cofre*, do livro *Poemas infantis para quando eu for grande*, de Ozias Filho

Ozias Filho é poeta, fotógrafo, jornalista e editor. Nascido no Rio de Janeiro, é autor de ‘Poemas do dilúvio’, ‘Páginas despidas’, ‘O relógio avariado de Deus’, ‘Insulares’, ‘Os cavalos adoram maçãs’ e ‘Insanos’.



Rinaldo de Fernandes
rinaldofernandes@uol.com.br

 / cantinho do conto

Branquinha

ILUSTRAÇÃO: TÔNIO



Ninguém bate na mãe. Dizem isso: ninguém bate na mãe. Mas o Zé aqui do quiosque bate. É. Bate pra valer. Você imagina que o Zé — não quero que ele me escute — bate com um fio elétrico na velha? Pois bate. Um peste desses quer o quê? Ir pro inferno! Pois é desse modo: bate na senhora mãe dele. Eu não bato. É. Bato não. Quer dizer... já bati uma vez. Sabe a pessoa querer te tomar o último tostão? Querer te deixar de tanga? Minha mãe uma vez veio com essa, de arrancar meu último dinheiro. Coitada. Nem sabia que eu tava encabritado naquele dia. Ô, se! Não ia cometer aquele pecado com ela, era minha mãe, pessoa do meu apreço, entende? Mas empurrei a mão no pescoço dela, o tapa estampou também na orelha. E alarguei o passo, fui de novo pra rua, rosnando de raiva, roncando mesmo! Não bato em mãe, não. Foi só naquele dia, por causa de uns trocados, e foi um tabefinho. Minha mãe eu dou tudo por ela, Ave Maria, se dou! Dou tudo, até a minha sorte por minha mãezinha eu dou. Mas que ela mereceu tomar um tapa, ô, se! Vir me amolar por causa do caralho de umas merrecas? Ih, pega tabefe, sim! Quer dizer, pegava. Porque minha mãezinha tá no céu, ah, que Deus a abrigue! Homem que bate em mãe é capaz de perder a mão, sabia? Não perdi a minha, não. É. Mas podia ter perdido, ô! Porque foi só uma veizinha e ela depois ficou de boas comigo, me abraçava, me adulava tanto. Corria a mão nos meus cabelos, nunca vi daquele modelo. Se eu tinha fome, ela me chegava o prato. Se movia, morta de medo, pelo quarto quando eu saía com uns amigos aí. O Zé aqui do quiosque saía comigo naquele tempo, entende? Bebia que só. E não gostava de pagar, o pederasta. Pederasta... diziam que era. É, eu falo baixo, pra ele não ouvir. Se ouvir, vem, me manda um ralho, é nervoso... É, diziam que era... Mas nunca mexeu comigo, que eu não sou viado! Sou não. Eu pagava bebida pro Zé, a amizade, sabe?... E chegava em casa sem um tostão. Aí tinha que bater na mãe, já viu essa? O Zé não batia na mãe. Não, não. Nunca batia. Agora deu pra surrar a velha, já esfarelou um fio nas costas da bichina. Mãe sofre, viu? Olheee... mãe veio a este mundo foi pra amargar, ih!... Ainda bem que a minha tá no céu, é! Mas eu só bati uma vez, entende? E homem não deve de bater em mulher. Ah, não deve... nunca! Eu vou chegar pro Zé e dizer, olho no olho: homem não bate em mãe, seu pamonha! Se tu quer brigar, briga comigo, vem, traz esse teu fiozinho, que eu te empurro no cu! Onde já se viu homem bater em velha, seu panaca! É, eu digo isso pro Zé, olho no olho. Digo. Tenho coragem de dizer... Tenho? Sei lá se eu tenho, o Zé é uma natureza difícil. Cachorro doido, ali, viu? Cachorro doido, o Zé! Pra avançar num é daqui prali. Voa mesmo. Já vi ele saltar num cara, botar no chão, encher de sopapo. É. O cara disse que o Zé tinha embolado no troco. E chamou ele de viado. Eita, se lascou!... Desculpa eu tá te dizendo essas coisas. Hoje resolvi provar dessa branquinha, o Zé não se importa comigo, não. Eu deixo aí, no fiado. Tá vendo ali: “fiado só se for afoito”? Foi o Zé que botou, porque tem fama de valente, vixe! Mas... aqui pra nós... é viado. É. O Zé bate até na mãe. Aí tá na ordem, né? Se ele é valente, que ninguém importune. E a velha mãe dele importuna, sabia? É. Mas ele permite eu compor aí um fiado, deixa anotado. O Zé tem medo de mim... Hein?... Tem medo!... É... Desculpa, viu? Eu nunca bati na mãe, não. Ou bati, já nem me passa... Ah... e teu nome? Você se chama como? Já surrou a tua mãe?

Rinaldo de Fernandes é escritor, crítico de literatura e professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).
Mora em João Pessoa (PB).

Tem novidade na Parahyba 103,9 FM!

Os programas da faixa cultural das 18h estão disponíveis em podcast.



Pincel e Lápis



Um Livro, Uma Conversa



Respeitável Público



Ouça um Filme



A História do Disco

Acesse sua plataforma favorita, baixe os nossos programas e ouça arte e entretenimento no seu tempo



A vida
acontece
com
o Sesc

A vida **acontece**
com educação,
saúde, cultura,
lazer e assistência.

Sesc
Fecomércio
Senac